

REVISTA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL
DE BOLSAS DE INICIAÇÃO ARTÍSTICA
PIBIART

EXPEDIENTE

BIA – Revista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Artística
Dezembro de 2025

Reitora

Girlene Alves da Silva

Vice-reitor

Telmo Ronzani

Pró-reitor de Cultura

Marcus Medeiros

Secretários

Darlan Lula

Bruno Defilippo Horta

Planejamento

Ismael Crispim

Edição

Gustavo Carvalho

Ismael Crispim

Katia Dias

Redação

Alice Oliveira

Décio Luiz Lima

Fellipe Enzo

Helena Levate

Ismael Crispim

Júlia Gaspar

Manuella Abreu

Maria Eduarda Canfidelis

Rafaela Tempésta

Renato Ramos

Projeto gráfico e diagramação

Nathália Duque

Fotografias

Divulgação - Bolsistas Pibiart

BIA – Revista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Artística

Publicação da Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora

Rua José Lourenço Kelmer s/n – Campus Universitário

Bairro São Pedro – CEP 36.036-900 – Juiz de Fora, Minas Gerais

Telefones: (32) 2102-3964 e (32) 2102-3965

Sugestões e contato: contato.procultura@ufjf.br



“Diferentes materiais utilizados na confecção de guias e fios de conta”.
Projeto “Meu axó não é sua fantasia”, da bolsista Anna Luíza de Souza Guimarães.

SUMÁRIO

8

ARTE E SUSTENTABILIDADE

- 8 Origami e sustentabilidade
- 10 O carnaval que nasce do reuso
- 12 Cores da mata: onde a ciência encontra a tela para educar

14

ARTES VISUAIS

- 14 Identidades no papel: criando personagens negros do zero
- 16 Arte, resistência e voz negra em juiz de fora
- 18 Mosaico conecta: arte e acessibilidade na UFJF
- 20 Aprendendo a ensinar arte
- 22 Encontro entre experimentação artística, construção simbólica e saberes

24

CINEMA E AUDIOVISUAL

- 24 Rede criativa: mapeando o audiovisual
- 26 Vozes, sonhos, conexões e laços: desvendando a arte da dublagem
- 28 Luzes que acendem pensamentos: o caminho criado pelo cinema
- 30 Causos gerais: a pipoca como fio de memória e cultura

32

FOTOGRAFIA

- 32 Cliques além dos estereótipos
- 34 Fotografia, poesia e autodescoberta

36

INCLUSÃO PELA ARTE

- 36 História na palma da mão
- 38 Valorização da identidade feminina por meio da arte
- 40 Sinalização e acessibilidade no Maea

40

INVESTIGAÇÕES ARTÍSTICAS

- 42 A arte dos cartazes como reflexo cultural
- 44 A colagem como técnica para o resgate do passado
- 46 Pontos de vista: a construção coletiva do conceito de arte

48

MODA

- 48 Tecendo histórias
- 50 Estamparia a partir de insumos do cotidiano
- 52 O axó como herança e identidade

54

MÚSICA

- 54 A celebração da negritude por meio da música
- 56 A música como formação e integração com a comunidade
- 58 Quando a universidade vira palco
- 60 Orquestra acadêmica da ufjf: música que conecta
- 62 Vozes em formação e transformação musical
- 64 Teoria e prática se unem e proporcionam ensino de música no colégio João XXIII
- 66 Academia de música: talento, prática e comunidade
- 68 O trabalho em equipe que dá forma ao coral da UFJF
- 70 Coral e orquestra pró-música ampliam presença e consolidam impacto cultural
- 72 Os primeiros acordes de uma formação humana

74

QUADRINHOS

- 74 Tubarões incompreendidos e mundos que não acolhem: a metáfora viva de “alteia”
- 76 Explorando a cultura brasileira através da arte em quadrinhos

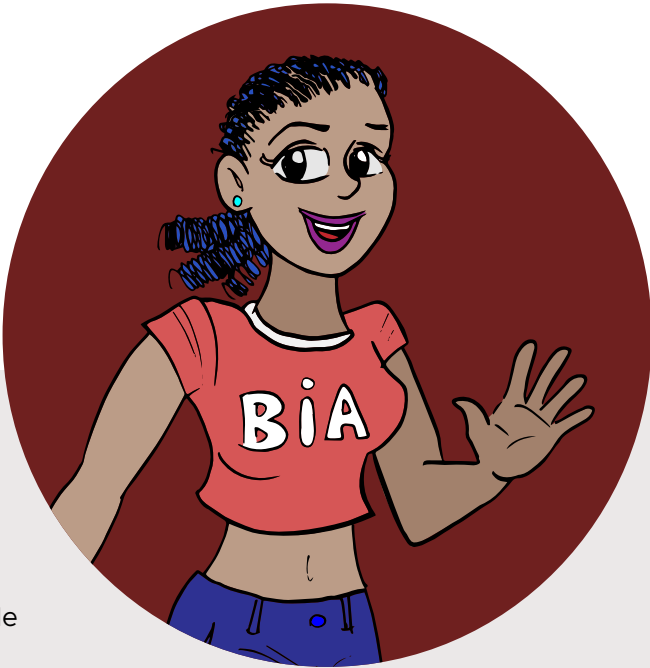
78

URBANIDADES

- 78 Arte urbana e ressignificação da paisagem em Juiz de Fora
- 80 A voz das juventudes na arte urbana

82

PROCULT EM AÇÃO



Editorial

Persistência, força e resiliência



Intervenção artística urbana executada pelo bolsista Hiago Guilherme do Nascimento Silva

A Universidade Federal de Juiz de Fora, por meio de sua Pró-reitoria de Cultura, busca a cada dia consolidar seu propósito de espargir luzes (*lvmīna spargere*) por toda a cidade, e além, por meio da arte e da cultura. Para cumprir esta missão, a instituição conta com uma arma poderosa: o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Artística (Pibiart), que já concluiu sua sexta edição ininterrupta, que abrangeu o período de setembro de 2024 a agosto de 2025.

Mesmo diante de todos os desafios enfrentados ao longo dos últimos anos, seja pela avassaladora pandemia de Covid-19, pelas greves ou pelos malabarismos orçamentários - um percalço corriqueiro enfrentado pelas instituições públicas de ensino brasileiras -, a despeito de todos os ventos contrários, o Pibiart permanece firme em seu propósito de estreitar laços entre alunos, professores, servidores e comunidade externa, oferecendo conhecimento teórico e prático sobre as mais diversas modalidades artísticas por meio de oficinas, palestras, minicursos, eventos, espetáculos, treinamentos, entre outras atividades.

O programa conseguiu manter suas 101 vagas para bolsistas dos cursos de graduação, distribuídas entre as modalidades Projetos Artístico-Culturais (26); Grupos Artísticos (15); Mediação Artística - Artes (10); Mediação Artística - Música (26) e Mediação Artística

- Procult (24). Uma importante mudança nesta edição foi a realocação de alguns projetos musicais, que antes eram propostos como Grupos Artísticos, e agora foram concentrados na modalidade Mediação Artística - Música, o que explica a transferência de bolsas de uma modalidade para a outra. Tal mudança teve por objetivo otimizar a organização dos projetos que envolvem a prática musical, como o *Coral da UFJF* e o *Coral e Orquestra Pró-Música*. Todavia, não podemos nos acomodar com os números atuais: é fundamental termos em mente que, antes da pandemia, o programa contava com 120 bolsas.

Nas próximas páginas, você encontra relatos de ricas experiências envolvendo diversas linguagens artísticas, como moda, quadrinhos, audiovisual, música, artes visuais, arte urbana, fotografia, além de temáticas especiais como sustentabilidade, negritudes, inclusão pela arte e muito mais. Nas pautas relacionadas às negritudes, trazemos assuntos como memória, música negra e indumentárias sagradas.

Esperamos que o conteúdo desta revista alcance o impacto desejado em nossos estudantes, atuais e futuros, bem como em toda a comunidade acadêmica e externa, despertando a centelha do desejo de conhecer, pesquisar, criar, experimentar, difundir e mergulhar cada vez mais profundo no imensurável oceano do fazer artístico, desbravando o máximo possível de suas infinitas possibilidades.

BOA LEITURA!



Atividade de reconstrução do Laboratório Didático de Arqueologia

ORIGAMI E SUSTENTABILIDADE

O projeto *Menos lixo e mais arte: o origami como ferramenta de educação ecológica e de inclusão*, da bolsista Ana Clara Machado Costa, uniu arte, sustentabilidade e educação em uma proposta que transformou resíduos em expressão artística e consciência ambiental. A iniciativa partiu do uso de uma técnica de dobradura tradicional japonesa, o origami modular, confeccionado a partir de papéis reciclados e reutilizados, para propor práticas criativas que promovem tanto a educação ecológica quanto a inclusão social e pedagógica. Inspirado na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e em artistas como Tomoko Fuse, o projeto buscou demonstrar como a arte pode ser um instrumento acessível de transformação ambiental e humana.

A pesquisa incluiu o estudo sobre o destino do lixo em Juiz de Fora, com visitas a pontos de coleta seletiva e contatos com associações de catadores, como a Associação Municipal dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Reaproveitáveis de Juiz de Fora (ASCAJUF) e a Associação dos Catadores de Papéis e Resíduos Sólidos de Juiz de Fora (APARES), além de experimentações na produção artesanal de papel reciclado. Foram testadas diferentes misturas e técnicas de fabricação até se chegar a um modelo de papel, mais fino e adequado para as dobras do origami, que ampliou as possibilidades de aplicação da técnica com materiais sustentáveis.



Oficina “Dobrar, Criar e Ensinar - explorando o origami modular”, ministrada aos alunos do IAD, na UFJF

Ao longo do período da bolsa, Ana Clara ministrou duas oficinas de origami modular e papel reciclado no Instituto de Artes e Design (IAD) da UFJF. Durante as atividades, os participantes puderam aprender sobre o reaproveitamento de materiais, participar de práticas artísticas manuais e refletir sobre o impacto do consumo e do descarte de resíduos. As oficinas também foram realizadas durante eventos como o World Creativity Day 2025 e a Art Week, promovendo o diálogo entre arte, sustentabilidade e educação de maneira leve e participativa.



Oficina de papel reciclado, ministrada aos alunos da Escola Integra, em Juiz de Fora

As atividades mobilizaram o público, que se envolveu tanto nas etapas de criação quanto nas discussões sobre meio ambiente e cidadania. “Essas ações ampliaram o repertório artístico e pedagógico dos participantes, fortalecendo a dimensão extensionista ao articular ensino, pesquisa e prática social”, relata a bolsista. Além disso, Ana Clara participou da II Feira de Artes da Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque, em Lima Duarte (MG), onde foram apresentados o projeto e algumas das peças produzidas durante seu desenvolvimento. A participação foi especialmente significativa pelo interesse despertado nos alunos e na comunidade escolar, que puderam manusear, observar de perto e dialogar sobre as possibilidades do origami na escola.



Um dos trabalhos realizados pela bolsista Ana Clara ao longo do projeto

Para além das contribuições socioculturais, o projeto também contribuiu para a formação acadêmica da bolsista, ampliando seu repertório pedagógico, já que, a partir da pesquisa e das oficinas realizadas, ela pôde experimentar e desenvolver metodologias adequadas às diferentes realidades escolares. “Esse processo evidencia o potencial do origami como recurso de baixo custo para o ensino de artes, especialmente em instituições com limitações de infraestrutura”, destaca. O projeto ainda gerou um material didático digital voltado à replicação das oficinas, o que garante a continuidade da proposta e sua disseminação em novos espaços.

Rafaela Tempêsta



Material desenvolvido pela bolsista e apresentado na II Feira de Artes da E. E. Adalgisa de Paula Duque (Lima Duarte - MG)



Oficina de origami, oferecida aos alunos da Escola Integra (Juiz de Fora)

MENOS LIXO E MAIS ARTE: O ORIGAMI COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO ECOLÓGICA E DE INCLUSÃO
Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Ana Clara Machado Costa *Licenciatura em Artes Visuais*
Orientadores Professora Sandra Minae Sato e Hermenegildo Ferreira Giovannoni

O CARNAVAL QUE NASCE DO REUSO

Transformar o que é visto como lixo em arte e reflexão foi o objetivo central do projeto *O uso do precário na confecção de adereços e fantasias de Carnaval*, desenvolvido pelo bolsista João Vitor Rosa e orientado pela professora Annelise Nani da Fonseca. Ele explorou a criação de fantasias carnavalescas a partir de materiais descartados, destacando a importância da sustentabilidade e do reaproveitamento na confecção artística.

O projeto nasceu da ideia de repensar o consumo e o desperdício no Carnaval, uma das maiores e mais criativas festas do país e também uma das que mais geram resíduos. A proposta foi mostrar que a falta de recursos pode ser um estímulo à criatividade, e não uma limitação. “A ideia de desenvolver esse projeto surgiu numa conversa entre mim e meu avô, em que relembávamos o passado de nossa família e a nossa



Bolsista João Vitor Francisco Rosa (centro) ao lado dos participantes da oficina



Passista da escola de samba Império Rosa no carnaval de 2025

relação com o Carnaval. Meu avô, hoje com 84 anos, foi um grande compositor e puxador de samba na minha cidade, Valença (RJ)”, conta o estudante.

Rosa ainda observa que, infelizmente, com o passar do tempo, o carnaval foi ficando cada vez mais defasado. “Vi na faculdade uma oportunidade de aprofundar meu conhecimento sobre escolas de samba, então quis criar uma utilizando materiais de reuso porque eu não tinha recursos para comprar o necessário para confeccionar as fantasias. Não sabia como fazer uma escola de samba de verdade, mas fui a fundo”, disse.

Durante a pesquisa, que também se tornou o tema de seu trabalho de conclusão de curso, o bolsista visitou o Museu do Samba, o lixão da Cidade do Samba e o projeto Sustenta Carnaval, no Rio de Janeiro, uma iniciativa



Porta-bandeira da escola de samba Império Rosa

que recolhe toneladas de fantasias descartadas após os desfiles. Esses locais serviram como inspiração para a reflexão sobre o impacto ambiental da folia e sobre novas formas de criação que unem arte e consciência ecológica. Parte dos materiais recolhidos foi usada na confecção de fantasias para o desfile da escola de samba Império Rosa, criada pelo aluno. Um dos destaques foi a fantasia das passistas, cujas plumas foram produzidas com um tipo de plástico espumado retirado do lixo da Cidade do Samba, substituindo materiais naturais e reduzindo custos e impactos ambientais.

Além da produção artística, o projeto também promoveu uma oficina prática com estudantes da UFJF, que puderam vivenciar o processo criativo com materiais recicláveis. A atividade simulou um lixão real, com diversos elementos dispostos de forma aleatória para estimular a imaginação dos participantes. Com um público reduzido, a experiência permitiu um

acompanhamento mais próximo e um ambiente colaborativo de aprendizado. Na primeira parte da oficina, o proponente compartilhou sua trajetória no Carnaval e apresentou dados sobre os custos da festa, o uso de plumas artificiais e o grande volume de resíduos gerados anualmente. Depois, os alunos foram convidados a criar seus próprios adereços, exercitando a percepção artística sobre o “belo no precário”.

Segundo o bolsista, o objetivo foi mostrar que o luxo do Carnaval pode nascer da simplicidade e da consciência ambiental. “Eu queria despertar a criatividade, o pensamento seletivo e a resolução de problemas em cima daquele desafio de criar do nada, então montei um minicaos ali, com um mini lixão da Cidade do Samba de vários restos de material empilhados, bagunçados em cima de uma mesa, e os alunos tinham determinado tempo para poder procurar ali e criar algo novo. No fim, todos conseguiram criar peças lindas e saíram muito satisfeitos com um pouquinho da experiência do que é trabalhar com o precário e a escola de samba. A tendência é que ela melhore a cada ano”, planeja.

A pesquisa teve repercussão positiva tanto no meio acadêmico quanto fora dele. Além de inspirar novas formas de produção artística sustentável, ele também abriu espaço para discussões sobre o valor simbólico e econômico do Carnaval, a geração de lixo e o papel das escolas de samba na preservação ambiental. Para a professora Annelise Nani, o trabalho representa “uma mudança de olhar sobre o fazer artístico, que passa a dialogar com a responsabilidade ambiental sem perder o brilho e a emoção da arte carnavalesca”. O projeto mostra o poder da arte como ferramenta de transformação, capaz de unir estética, consciência e inovação em nome de um Carnaval mais sustentável e criativo.

Alice Oliveira

O USO DO PRECÁRIO NA CONFEÇÃO DE ADEREÇOS E FANTASIAS DE CARNAVAL

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** João Vitor Francisco Rosa *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientadora Professora Annelise Nani da Fonseca

CORES DA MATA: ONDE A CIÊNCIA ENCONTRA A TELA PARA EDUCAR



Quadro da Quaresmeira, uma das árvores personagens do quadro Biologia e Arte

O projeto *Preservamos o que conhecemos - arte como conscientização ambiental*, desenvolvido pela aluna de ciências biológicas Júlia Firjam Torres, une produção artística e audiovisual a um estudo sobre árvores da Mata Atlântica. Ao longo do trabalho, 12 espécies foram escolhidas, e, a partir de cada uma, foi feita uma pesquisa, uma produção audiovisual para redes sociais e uma pintura ou desenho.

Dentre as árvores escolhidas, podemos destacar a quaresmeira, o ipê-amarelo, o pau-jacaré, o guapuruvu e a pororoca. A série de vídeos faz parte do quadro “Biologia e Arte”, publicado no Instagram da bolsista (@ju.firjam) em colaboração com os perfis da UFJF, da Pró-reitoria de Cultura, do Jardim Botânico, do Laboratório

de Ecologia Vegetal e da Fazenda Experimental da UFJF (Núcleo de Integração Acadêmica para Sustentabilidade Socioambiental - Niassa), somando mais de 200 mil visualizações.

Com o objetivo de transmitir ao público a importância da preservação, Júlia encontrou uma forma didática de compartilhar conhecimentos científicos ao utilizar plantas que podem passar despercebidas, apesar de estarem presentes no cotidiano. “Eu acredito que abordar a preservação ambiental por meio da arte aproxima as pessoas, principalmente pelos *feedbacks* que recebi de alguns participantes, relatando que passaram a notar essas árvores nativas por todos os lados. A ideia era essa, que as pessoas parassem de enxergar somente um borrão verde ao olhar para uma área de floresta e comesçassem a identificar as árvores”, pontua.



Ao longo do projeto, doze árvores foram transformadas em pintura



A oficina do projeto foi ministrada no Jardim Botânico e cada participante produziu sua arte através da observação da natureza

O quadro “Biologia e arte” é um formato de publicação em vídeo que Júlia realizava desde 2023 em seu perfil pessoal, sempre associando conceitos da biologia com artes plásticas. Assim, quando a discente soube da proposta do Pibiart, viu uma oportunidade de unir suas duas áreas de interesse no meio acadêmico, utilizando como base o projeto de restauração ambiental do qual participa, o BEF-Atlantic, desenvolvido pelo Niassa em colaboração com a Universidade Técnica de Munique (TUM), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), que identifica e restaura áreas de mata nativa degradadas. A partir disso, passou a focar o quadro “Biologia e Arte” no meio acadêmico, em parceria com o Laboratório de Ecologia Vegetal e com o Jardim Botânico da UFJF.

Além das produções de conteúdo e arte, o projeto ofereceu uma oficina no Jardim Botânico da UFJF em maio de 2025, dividida entre teoria, observação em campo e prática. Júlia iniciou a oficina com uma apresentação oral do projeto e, em seguida, os participantes fizeram um passeio pelo local, a fim de

observar e fotografar o que mais chamou a atenção. E, por fim, foram oferecidos materiais artísticos para que os participantes tivessem liberdade criativa para se expressarem.

Dessa forma, o projeto alcançou grande repercussão, culminando em uma reportagem no jornal Tribuna de Minas, o que ampliou ainda mais a visibilidade do trabalho. Todavia, antes do sucesso do projeto, a bolsista passou por um desafio: o perfil no Instagram no qual ela já publicava vídeos sobre biologia e arte, que contava com 70 mil seguidores, foi derrubado pela plataforma. Essa situação atrasou um pouco o desenvolvimento das ações, e foi necessária a criação de um novo perfil. “Escrevi o projeto pensando naquele perfil que acabou banido, o que me deixou sem saber como agir. Recomeçar do zero foi positivo: criei postagens em colaboração com diferentes setores da UFJF, ampliando o alcance e recuperando parte do público”, relata Júlia.

Helena Levate

PRESERVAMOS O QUE CONHECEMOS - ARTE COMO CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Júlia Firjam Torres *Bacharelado em Ciências Biológicas*

Orientadores Professor Fabrício Alvim Carvalho e Kelly Antunes

IDENTIDADES NO PAPEL: CRIANDO PERSONAGENS NEGROS DO ZERO



Estudos de formas e cores demonstram o processo de criação desenvolvido pela bolsista

Para promover representações autênticas e sem estereótipos de personagens negros, a bolsista Evillin Vitória Sales Ribeiro desenvolveu o projeto *Manual de Criação de Personagens Negros: Um Guia Anti-Estereotipado*. Além de problematizar os padrões racistas, o projeto ofereceu alternativas pedagógicas e criativas para a construção das identidades afrodescendentes nas artes visuais. “Como eu já estava engajada com um projeto sobre tranças, fiquei reparando muito nos cabelos e como os desenhos eram realizados na mídia”, conta.

Para dar partida ao projeto, a estudante leu alguns textos e artigos sobre personagens negros e a cultura africana. Em seguida, pesquisou sobre a cultura de alguns povos africanos que vieram para o Brasil. “Annelise Nani já havia orientado meu colega Milton João de Souza Neto com o artigo ‘Os olhos não veem: A construção de personagens negros nas animações contemporâneas’, que também usei como base para construir do zero uma nova forma de criação”, relata.

O projeto gerou impacto nas comunidades interna e externa da Universidade, trazendo a reflexão sobre

representatividade, diversidade e inclusão na arte visual. Os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer e experienciar o processo criativo pautado na desconstrução de estereótipos, estimulando o pensamento crítico e a conscientização da pluralidade das identidades afro-brasileiras.



O projeto impactou as comunidades internas e externas da Universidade

“Pensei em ensinar algumas formas que já utilizo para desenhar meus personagens, dando profundidade, o que inclui criar uma história antes de desenhá-los, dar um nome e sobrenome, família, amor e paixão”, lembra. Para uma melhor troca de experiências, foi criado um grupo de estudos contínuos, no qual os estudantes discutem técnicas e aprofundam conhecimentos sobre as culturas afrodescendentes, além das oficinas presenciais.

O projeto contou com quatro oficinas, unindo teoria, análise e prática, permitindo aos estudantes



Estudantes aprendem técnicas de criação de personagens negros em oficina

entenderem como os estereótipos racistas se manifestam nos personagens. No primeiro encontro, a bolsista apresentou aos participantes alguns personagens que ilustravam preconceitos presentes em representações visuais, além de exemplos de representações positivas de pessoas negras.

Nas oficinas seguintes, foram propostos desafios criativos, como um sorteio das características que os personagens deveriam ter. Evillin reforçou as referências culturais e históricas para os participantes construírem suas criações, e, assim como os personagens brancos consagrados, ela conseguiu seu propósito de mostrar que os negros também possuem diversas facetas e humanidade.

“A adesão foi positiva, e os resultados mostraram personagens mais complexos, com traços conscientes, respeitando a identidade e a riqueza cultural afro-brasileira”, comenta a bolsista, destacando que o manual ainda não foi finalizado por conta de diagramação e a consolidação do material produzido ao longo das oficinas.

MANUAL DE CRIAÇÃO DE PERSONAGENS NEGROS: UM GUIA ANTI-ESTEREOTIPADO

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Evillin Vitória Sales Ribeiro *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientadora Professora Annelise Nani da Fonseca

“O processo de recepção das atividades, análise de *feedback* e diagramação demandou mais tempo que o previsto, somado à complexidade de estruturar um produto que seja simultaneamente didático, visualmente atrativo e coerente com os objetivos de representatividade e autenticidade cultural”, relata.



A oficina uniu teoria, análise e prática para o aprendizado dos estudantes

O projeto permanece ativo, com o planejamento de concluir o manual e disponibilizá-lo de forma digital. “Estou na fase de organização do manual e organizando os desenhos dosicineiros também. Portanto, o manual é idealizado por mim, mas feito coletivamente. Sem as pessoas que participaram das oficinas, nada teria saído como saiu”, comenta.

Além da produção do manual, o projeto se constitui como um processo contínuo de ensino, experimentação e reflexão crítica, gerando impacto educativo, social e cultural. “Ele promove a valorização da identidade afrodescendente, contribui para a construção de práticas artísticas antirracistas e oferece uma metodologia replicável que pode ser aplicada em contextos educativos”, finaliza Evillin.

Fellipe Enzo

ARTE, RESISTÊNCIA E VOZ NEGRA EM JUIZ DE FORA

O projeto *Memórias Reveladas: Instalações Artísticas para o Centro de Preservação da Memória Negra de Juiz de Fora*, desenvolvido pelas bolsistas Lara da Luz Nascimento e Andressa Cristina da Silva Souza, teve como objetivo conceber e produzir uma exposição inaugural composta por instalações artísticas que resgataram, celebraram e questionaram a história negra da cidade, tradicionalmente silenciada por uma narrativa hegemonicamente branca. O projeto alcançou resultados significativos no resgate e na valorização da memória negra de Juiz de Fora, promovendo a integração entre a arte, a pesquisa histórica e a participação comunitária.

O destaque do projeto foi a inauguração do Centro de Preservação da Memória Negra, onde as obras foram apresentadas ao público em um evento marcado pela ampla participação comunitária. A abertura contou com uma programação cultural que incluiu rodas de conversa com lideranças negras, pesquisadores e artistas, fortalecendo o caráter educativo e político do espaço. A exposição foi ativada em sua dimensão educativa por meio de visitas guiadas destinadas a escolas públicas



Da esquerda para a direita a secretária de igualdade racial da PJF Giane Elisa, com a pequena Aisha Perciney ao colo, a vereadora Cida Oliveira, a prefeita de Juiz de Fora Margarida Salomão, o deputado estadual Betão e a reitora da UFJF Girlene Alves



Totem ancestral criado para a Secretaria Especial de Igualdade Racial (SEIR-PJF), por meio de uma parceria entre o artista Lucio Rodrigues e o coletivo Arte ZN

e grupos comunitários, permitindo um contato direto com as obras e com a memória histórica ligada a elas, promovendo o reconhecimento da presença negra na formação de Juiz de Fora. Dessa forma, os resultados demonstram a relevância do projeto não apenas como ação cultural, mas como instrumento de fortalecimento identitário e de resistência da população negra local.

“Essa experiência não foi apenas um espaço de conhecimento, mas também de transformação”, afirma Andressa. Ela relata que o projeto a inspira a desenvolver pesquisas sobre a contribuição da população negra, ressaltando a importância da representatividade para combater o epistemicídio, conforme discutido por Sueli Carneiro. A bolsista destaca que a representatividade inspira mais pessoas a criarem, assim como ela foi inspirada.

O trabalho promoveu a cultura afro-diaspórica e incentivou a população a conhecer o memorial. A parceria entre a Pró-reitoria de Cultura (Procult) da Universidade e a Secretaria Especial da Igualdade Racial (SEIR) da Prefeitura possibilitou incentivar a visita de universitários ao Centro. Assim, o projeto se mostrou importante para a movimentação cultural e



Sinais de si, obra de Mariâna Andrade e Rodrigo Dias, integrante da exposição *A linguagem do Lenço*

social na cidade, registrando mais de mil visitantes na primeira semana de abertura, com cerca de 120 visitas diárias, fortalecendo e consolidando a parceria entre a UFJF e a PJF.

As atividades desenvolvidas incluíram a produção de instalações artísticas inéditas em diferentes linguagens, refletindo sobre territórios negros urbanos, personalidades históricas apagadas, ritualidades e expressões culturais, além da montagem da exposição, visitas guiadas, programação cultural e registro e divulgação do processo em publicações mensais. As bolsistas participaram da abertura acompanhando visitantes, fornecendo informações sobre as estações e realizando registros fotográficos do evento, dando continuidade ao trabalho educativo em visitas guiadas posteriores.

MEMÓRIAS REVELADAS: INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS PARA O CENTRO DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA NEGRA DE JUIZ DE FORA

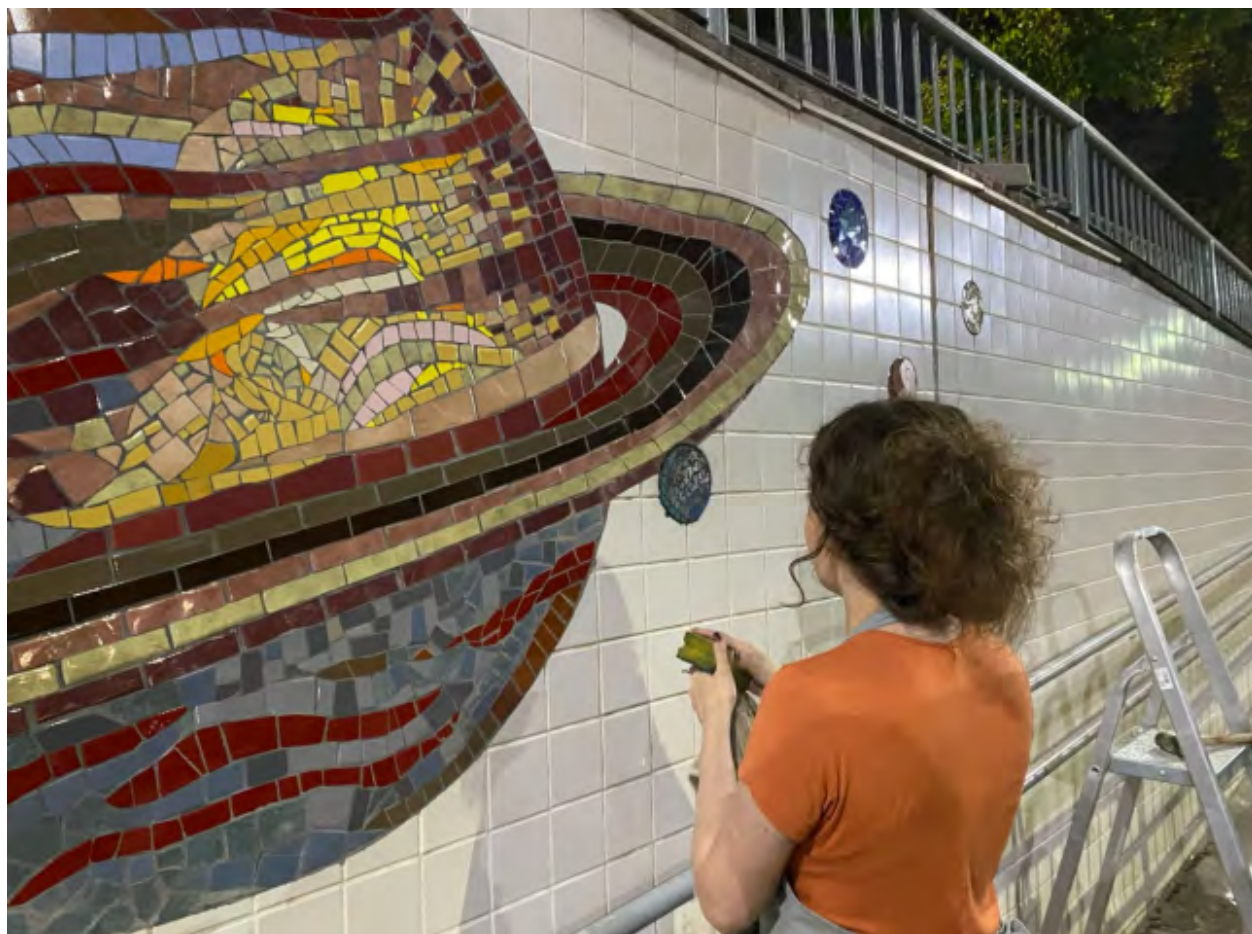
Modalidade Grupos Artísticos . **Bolsistas** Andressa Cristina da Silva Souza *Licenciatura em Artes Visuais*; Lara da Luz Nascimento *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientadores Professores Marcus Vinícius Medeiros Pereira e Danielle Teles da Cruz

A bolsista Lara sintetiza sua experiência afirmando: “No projeto, ajudei a produzir a exposição inaugural do Centro de Preservação da Memória Negra. Geralmente, as obras são mais voltadas para a instalação, e todas estão em diálogo com a história negra da cidade”. Ela destaca sua atuação na construção da narrativa expositiva, elaborada em conjunto com sua colega bolsista, a partir de pesquisas sobre formas de organização e comunicação visual que valorizassem a cultura negra e os conhecimentos que frequentemente não ocupam espaços de poder na cidade.

Maria Eduarda Canfidelis

MOSAICO CONECTA: ARTE E ACESSIBILIDADE NA UFJF



A bolsista Isa conta que aprendeu diversas técnicas utilizadas no mosaico

Desde 2022, o projeto *Coletivo Agrupa – Mosaico e Muralismo* traz a proposta “Mosaico Conecta”, que busca revestir com mosaicos artísticos diversas estruturas do campus e de outros espaços da UFJF. As paredes da rampa de acessibilidade do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) ganham um revestimento que chama atenção para a importância desta rampa para a comunidade, destacando o conhecimento, a arte e a cultura de Minas Gerais. Merece destaque o “Ornamento Indígena Maxacali”, que faz referência ao Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF, local que possui um rico acervo de coleções arqueológicas e antropológicas. Outro mosaico que rouba a cena é o “Desenho Rupestre”, que remete ao celeiro desse tipo de arte na região Sudeste do estado.

Uma das bolsistas que atuou na execução e na instalação dos mosaicos foi Isa Azevedo Fialho. A estudante conta que decidiu participar do projeto a partir da divulgação da professora Valéria Faria em sala de aula. “Achei que seria uma ótima oportunidade, tanto para ter mais conhecimentos artísticos quanto para aprender sobre a técnica de mosaico. Essa oportunidade me fez enxergar novos materiais plásticos para incluir nos meus trabalhos poéticos, tanto que farei meu Trabalho de Conclusão de Curso utilizando essa linguagem”, afirma.

O “Mosaico Conecta” nasceu para homenagear as diferentes áreas de conhecimento, a pesquisa e os cursos da UFJF. O projeto se destaca por promover a relação entre arte e arquitetura de mobilidade,



Participantes do coletivo manuseando as peças do mosaico e colando no desenho selecionado

ênfatisando a importância dessas estruturas no contexto social e urbano, e ainda democratiza a arte para a comunidade. “Por meio do mosaico, trazemos arte a pessoas que muitas vezes não têm condições ou não conseguem ir a ambientes fechados para isso”, contextualiza a bolsista, que destaca o impacto positivo a partir dos elogios do público adulto e infantil.

“Durante minha vivência com o coletivo, pude me desenvolver tanto profissionalmente quanto como pessoa. Aprendi muito sobre o nascimento do conceito dos projetos e sua execução, e, também, sobre editais de arte, algo que é pouco ensinado no meu curso”, relata Isa. Junto com outras bolsistas, ela ministrou a primeira oficina do Coletivo Agrupa para estudantes de Artes Visuais, além de uma palestra sobre história e técnica do mosaico, na Semana de Calouros (SECA) do Instituto de Artes e Design (IAD).

“No primeiro contato, muitos pensaram que faríamos uma oficina ensinando mosaico utilizando papel

colorido. No entanto, ensinamos os métodos mais atuais da arte musiva. Foi muito legal poder ver os participantes, que nem se conheciam, trabalhar em equipe para realizar a atividade proposta. Também foi incrível ver que alguns ficaram até depois do horário só para ver o resultado completo”, recorda.

Isa conta que foi gratificante atuar nas obras, mesmo sendo fisicamente exigente. “O trabalho de instalação é, sem dúvidas, pesado e cansativo. Não se trata apenas de instalar a obra no local, envolve muita quebra de parede, azulejos e muito esforço físico. Mas é daí que vem a verdadeira gratificação. É ótimo saber que o projeto no qual atuei vai trazer democratização e acessibilidade para todas as pessoas que passarem por ali”, finaliza.

Fellipe Enzo



O Mosaico Conecta nasceu para homenagear as áreas de conhecimento e pesquisa

COLETIVO AGRUPA - MOSAICO E MURALISMO

Modalidade Grupos Artísticos . **Bolsistas** Antonela Sader Borges; Ariela Martins Campos; Isa Azevedo Fialho; Maria Clara Coelho Villa Verde *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientadores Professores Valéria de Faria Cristofaro e Ricardo Cristofaro

APRENDENDO A ENSINAR ARTE

Por meio do projeto *Oficinas de Artes Visuais da UFJF*, o professor Francione Oliveira Carvalho reuniu um grupo de estudantes para oferecer oficinas de diversas linguagens artísticas. As atividades alcançaram públicos de diferentes idades, o que possibilitou que cada bolsista montasse suas programações de uma forma diferente.



Diversos materiais foram utilizados pelas crianças para realizar suas artes

Uma das oficinas ministradas foi a “Quadrinizando: desvendando o processo de criação das histórias em quadrinhos”, realizada pelos bolsistas Kayo Rigolon Medina Gomes e Murillo Henrique Tavares Rosa. “Sempre fui muito ligado com esse tipo de arte, já estudava HQ de forma mais aprofundada como hobby. Em 2022, eu tive a ideia de começar um grupo de estudo independente”, relata Gomes.

A oficina foi idealizada a partir da percepção de que o processo de criação de uma HQ pode ser apresentado por todos que tenham curiosidade pelo tema. Dessa forma, os bolsistas apresentaram um panorama geral da produção de um gibi, desde a criação de personagem, desenvolvimento de um mundo ficcional, até a escrita de um roteiro e a finalização da arte.



A oficina permitiu aos participantes entender melhor sobre os mecanismos de produção de quadrinhos

Ministrada pela estudante Cecília Barros Vidal Capobiango, a oficina “Ilustração de livros infantis com aquarela” foi idealizada para o público adulto. “Minha expectativa desde o início era conseguir trazer um pouquinho mais de criatividade no dia a dia das pessoas. Para os adultos é um bloqueio muito grande, muitos acham que não são capazes ou não conseguem encaixar isso na rotina, mas eu percebia que eles iam à oficina justamente para ter esse momento de relaxamento”, conta a bolsista.

O principal objetivo era introduzir os participantes ao universo da literatura infantil, para que aplicassem os conhecimentos aprendidos por meio da experimentação com técnicas da aquarela em seus projetos. “Na primeira edição da oficina, uma idosa frequente às aulas tinha bastante dificuldade em acompanhar as atividades, mas conseguiu chegar ao final. Contou que a principal contribuição da oficina foi ter mudado completamente sua forma de enxergar o mundo e os livros infantis”.

Para incentivar a criatividade e ajudar cada participante a encontrar sua própria voz na arte, a bolsista Amandha de Moraes Silveira desenvolveu a oficina “Seja criativo para a produção de arte”. O projeto estimulou a imaginação a partir de desenhos, pinturas e colagens,



Prática de pintura com pigmentos de terra

de modo que todos os participantes pudessem realizar as atividades, tendo ou não conhecimento artístico.

“Como eu já trabalhava com arte-educação, vinha percebendo que tinha muito bloqueio criativo, medo de criar. Eu queria desenvolver algo que abrangesse várias áreas - por exemplo, uma pessoa que costurava e outra que só desenhava, e ambas pudessem participar do curso”, analisa a estudante, lembrando como a arte auxilia em momentos difíceis.

“Trabalho com adultos e crianças no Centro de Referência de Assistência Social de Goianá, e o que mais vejo é como a arte tem mudado a perspectiva de vida das pessoas. Quando essas oficinas acontecem, e os participantes percebem que são capazes de realizar as atividades artísticas, eles são impactados positivamente. Sempre se lembrarão de que nada é impossível quando há dedicação e amor no que se faz”.

A “Oficina de Xilogravura”, ministrada pela bolsista Lohanny de Almeida Silva, teve como objetivo ensinar técnicas de gravura utilizando materiais como MDF para xilogravura, e também materiais alternativos, como caixas de Tetra Pak, isopor e EVA. Explorando o sustentável

e o criativo, a atividade buscou ampliar o acesso às práticas gráficas, possibilitando que os participantes desenvolvessem suas próprias impressões artísticas. Para além de explorar com o público alternativas sustentáveis, a bolsista teve sua formação ampliada a partir do projeto, desenvolvendo habilidades pedagógicas, capacidade de adaptação a diferentes públicos e condições estruturais, além de uma reflexão sobre a relação entre arte, acessibilidade e sustentabilidade.



Desenvolvimento de uma xilogravura durante a oficina

Para cada participante dialogar com sua própria vivência a partir da pintura, a bolsista Karyni Dias de Souza realizou a oficina “Cores do Solo: pintura com pigmentos de terra”. Além do uso de têmpera de terra, foi explorada a possibilidade de tingir a mistura com corantes alimentícios, o que ampliou a paleta de cores e tornou a prática mais dinâmica. “Esse processo experimental gerou discussões sobre as potencialidades de materiais simples e cotidianos no ensino da arte, além de evidenciar como recursos alternativos podem contribuir para a criação artística, mesmo em contextos de limitação”, relata Karyni. A bolsista considerou os resultados da oficina positivos, com a participante aprendendo a técnica e desenvolvendo experimentações próprias, explorando as nuances de cor.

Fellipe Enzo

OFICINAS DE ARTES VISUAIS DA UFJF

Modalidade Mediação Artística - Artes . **Bolsista** Amandha de Moraes Silveira e Kayo Rigolon Medina Gomes *Licenciatura em Artes Visuais*; Lohanny de Almeida Silva, Cecília Barros Vidal Capobiango, Karyni Dias de Souza e Murillo Henrique Tavares Rosa *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientador Professor Francione Oliveira Carvalho

ENCONTRO ENTRE EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA, CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA E SABERES



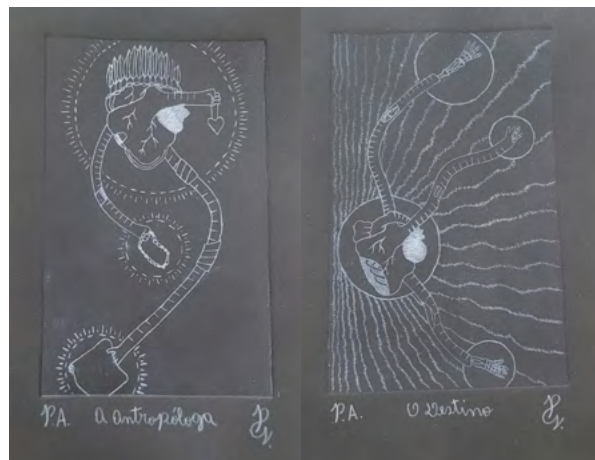
Participantes expressam sua criatividade na oficina prática

O projeto *Tarô e Corações: processos criativos de gravuras e reformulações dos arcanos maiores ilustrados por corações* apresentou, a partir de oficinas, uma imersão completa na linguagem da gravura em ponta seca, na iconografia do coração e no universo simbólico do tarô. Conduzido pelo discente Pedro Lucas Câmara, o trabalho reuniu docentes, estudantes e membros externos, que puderam acompanhar de perto o percurso criativo que deu origem a uma série de 22 gravuras sobre o tema.

Segundo o bolsista, que ao longo de 2025 desenvolveu intensa pesquisa visual, foi essencial consolidar tanto sua prática na gravura quanto sua própria iconografia de corações. “Compreender como essas imagens se relacionam com a simbologia do tarô foi determinante para construir narrativas visuais coerentes, poéticas e pessoais”, argumenta.

“O meu projeto foi uma experiência fundamental para o meu desenvolvimento na gravura e na minha iconografia de corações. As cartas de tarô têm uma carga simbólica muito forte, e conseguir dar uma nova roupagem a esses símbolos foi algo desafiador e enriquecedor. Eu precisava entender como esses corações se encaixavam nesse universo, e como poderiam dar um novo significado às figuras tradicionais do tarô”, relata Câmara.

Entre os destaques do processo criativo estão as reformulações das cartas A Temperança, transformada em O Equilibrista, e A Lua, reelaborada como O Enclausurado. No primeiro caso, o desafio foi encontrar uma figura que transmitisse o equilíbrio e a leveza característicos da carta original. Já na segunda, o artista buscou representar a carga emocional do passado associada à Lua, dando forma a um coração ferido que se recolhe em uma bolha protetora, símbolo de isolamento e introspecção.



Gravuras de ponta seca “A Antropóloga” e “O Destino”, feitas pelo bolsista



Gravura realizada com aplicação das técnicas aprendidas na oficina

O desenvolvimento do projeto também foi marcado por experimentações e desafios técnicos. Embora Câmara tivesse grande afinidade com a gravura em metal, o alto custo de chapas como latão e cobre inviabilizava a produção completa dos 22 arcanos. A solução veio com o uso de matrizes de acrílico, uma alternativa econômica e eficaz para a técnica da ponta seca. “Eu sempre amei a gravura em metal, mas o custo das chapas era uma grande barreira. Quando encontrei as placas de acrílico, foi como uma revelação. Eu poderia continuar com a técnica de ponta seca, mas de uma forma mais acessível, e houve um período de adaptação. No começo, planejei usar folhas de acetato, mas logo percebi que o material não suportava meu traçado mais forte. Foi quando encontrei as placas de acrílico de 1 mm, que se tornaram a base para todo o

meu trabalho”, conta. Com o domínio progressivo do suporte e da técnica, o bolsista finalizou as gravações e pôde imprimir a série completa das 22 cartas.

A oficina realizada por Câmara começou com uma breve introdução à história da gravura, seguida pela contextualização de sua própria iconografia e de sua pesquisa com o tarô. Em seguida, os participantes aprenderam os fundamentos da gravação em ponta seca, utilizando matrizes de acetato, pontas secas como compassos e bisturis, tinta para gravura em metal e papel de alta gramatura. A proposta central da atividade foi instigar os participantes a criarem suas próprias releituras dos arcanos maiores do tarô ilustradas com corações. Apesar do tempo limitado, todos os participantes conseguiram produzir suas gravuras, ainda que alguns tenham enfrentado desafios na fase de criação.

O momento final da oficina foi dedicado à impressão das matrizes, quando o bolsista ensinou aos participantes o funcionamento e o uso adequado da prensa calcográfica. Ali, o aprendizado técnico se somou à experiência artística, permitindo que cada participante visse sua criação transformada em gravura impressa. Além de compartilhar sua pesquisa, o discente proporcionou aos envolvidos uma vivência completa: história da gravura, técnica de ponta seca, experimentação com o acetato, imersão simbólica no tarô e contato prático com a prensa.

Maria Eduarda Canfidelis

TARÔ E CORAÇÕES: PROCESSOS CRIATIVOS DE GRAVURAS E REFORMULAÇÕES DOS ARCANOS MAIORES ILUSTRADOS POR CORAÇÕES

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Pedro Lucas Câmara Nogueira *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientadores Professora Priscilla D. G. de Paula e Hermenegildo Ferreira Giovannoni

REDE CRIATIVA: MAPEANDO O AUDIOVISUAL

Entre oficinas, palestras, produção de conteúdos digitais e levantamento de dados, a direção de arte encontrou novos espaços de reflexão e prática na Universidade. O projeto *Direção de Arte Audiovisual em Juiz de Fora* nasceu com o objetivo de criar um banco de dados sobre locações, objetos de cena e profissionais do setor audiovisual local, reunindo informações que facilitassem o trabalho de quem atua na área e fortalecessem a rede criativa da cidade. Com o tempo, o projeto se transformou e passou a valorizar também a formação acadêmica, a troca de experiências e o aprendizado coletivo, mantendo a pesquisa como eixo importante, mas caminhando lado a lado com ações práticas.

Para a bolsista Amanda Nunes Rezende de Medeiros, essa experiência foi um processo de aprendizagem



Oficina do projeto promove diálogo e construção coletiva sobre direção de arte no audiovisual

completo. “Participar do projeto me permitiu articular saberes acadêmicos e experiências criativas, planejando oficinas, mediando atividades formativas e produzindo conteúdos de divulgação. Foi uma oportunidade de desenvolver habilidades em curadoria de conteúdo, mediação cultural, organização de eventos, criação de material didático e atuação em equipe”, conta. Ela acrescenta que o contato com profissionais convidados e a coleta de dados sobre o setor audiovisual ampliaram sua compreensão sobre os desafios e as possibilidades da direção de arte, tanto no mercado quanto na criação artística.



Palestras promovem debates sobre atribuições e linguagens na direção de arte

Foram realizadas três oficinas presenciais, sendo duas no Museu de Arte Murilo Mendes e uma no Memorial da República Presidente Itamar Franco. Voltadas à direção de arte e cenografia, as atividades proporcionaram uma vivência prática intensa, com roteiros planejados, materiais didáticos e estratégias pedagógicas cuidadosamente estruturadas. Mesmo com diferentes públicos e números variados de participantes, todas as oficinas apresentaram alto engajamento, permitindo a troca de experiências entre estudantes, artistas independentes e profissionais da área. “Conduzir essas



Entre oficinas e palestras, o projeto atingiu um alto índice de engajamento entre os alunos ao longo das atividades

oficinas foi desafiador, mas extremamente gratificante. Cada momento trouxe aprendizados distintos, desde a adaptação de conteúdos às demandas do grupo até o contato direto com os participantes, reforçando o valor da formação continuada e da colaboração”, destaca.

O projeto promoveu três palestras on-line com profissionais de destaque do Rio de Janeiro e de São Paulo. Paloma Buquer compartilhou seu processo criativo no longa “Ainda Estou Aqui”, vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional, evidenciando o papel da direção de arte na construção emocional e simbólica da narrativa. Mario Surcan abordou a produção de objetos em direção de arte, mostrando como cada elemento de cena comunica intenções narrativas, e Rafael Blas discutiu a inserção profissional na área, com dicas de organização de portfólio e boas práticas de mercado. “Esses encontros ampliaram horizontes e possibilitaram uma visão mais abrangente do mercado, demonstrando como práticas de outros lugares podem ser adaptadas à realidade de Juiz de Fora”, observa Amanda.

A proposta também investiu na divulgação e engajamento digital, por meio do perfil no Instagram. Com uma linguagem acessível, design fluido e conteúdos que incluíam desde os bastidores das atividades até reflexões teóricas, o perfil ultrapassou 8 mil visualizações em 30 dias. Outro resultado concreto foi a construção do banco de dados sobre locações, objetos de cena e profissionais de Juiz de Fora. Essa iniciativa, ainda em expansão, representa um recurso valioso para artistas, estudantes e produtores da cidade. “Ter essas informações organizadas facilita o trabalho, economiza tempo e fortalece a rede de contatos. Além disso, ajuda a dar visibilidade ao que já existe na cidade e incentiva novas produções a surgirem a partir desse reconhecimento do território”, afirma Amanda. A plataforma, que ainda está em desenvolvimento, promete concentrar conteúdos de pesquisa e referência, funcionando como ponto de encontro entre quem produz, ensina e pesquisa audiovisual.

Renato Ramos

DIREÇÃO DE ARTE AUDIOVISUAL EM JUIZ DE FORA

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsistas** Amanda Nunes Rezende de Medeiros *Rádio, TV e Internet*; Jasmyn Andrade Fernandes Ventura Lucchesi *Cinema e Audiovisual*

Orientador Professor Rafael Barbosa Fialho Martins

VOZES, SONHOS, CONEXÕES E LAÇOS: DESVENDANDO A ARTE DA DUBLAGEM

Com vistas à democratização do acesso à arte da dublagem, Filipe Serra e Erick Veríssimo, estudantes de Cinema e Audiovisual, se uniram para desenvolver uma sequência de oficinas que abordaram os mais variados aspectos desta modalidade artística. Por meio de encontros estruturados em seis módulos distintos, a dupla prezou por proporcionar um espaço de aprendizado coletivo teórico e prático, viabilizando a troca de conhecimento e a experimentação criativa, além de explorar importantes espaços culturais de Juiz de Fora e contribuir para a potencialização do trabalho da dublagem na cidade.

Foram 13 encontros no total, sendo 12 oficinas e uma palestra de grande destaque com a dubladora Kika Tristão, uma das vozes mais marcantes da história das músicas da Disney no Brasil. Todos os encontros somaram quase 400 inscritos, um público diverso e com faixas etárias variadas, indo dos 10 aos 70 anos, entre comunidade acadêmica e externa, com e sem experiência artística. Entre crianças curiosas e adultos experientes, as oficinas se tornaram um mosaico de vozes e experiências que gerou uma interessante troca cultural.

Parcerias foram firmadas com alguns dos espaços histórico-culturais mais importantes da cidade, promovendo oficinas no Memorial da República Presidente Itamar Franco, no Forum da Cultura, no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, no Jardim Botânico da UFJF, no Mercado Cultural AICE (Arte de Inventar Coisas Especiais) - pertencente ao Mercado Municipal - e na Escola de Artes Pró-Música. O projeto ampliou seu alcance e fortaleceu vínculos com a cena local ao ocupar esses espaços, contando com a presença de convidados especialistas nos temas abordados, o

que possibilitou aos participantes o contato direto com técnicas de dublagem e interpretação e realizar atividades práticas de gravação em estúdio.



Participantes das oficinas de dublagem em atividade prática, no Memorial da República Presidente Itamar Franco

As oficinas do projeto foram organizadas em módulos temáticos: Corpo e Voz, Artes Cênicas, Dublagem, Acessibilidade e Adaptação, Música, e Inteligência Artificial. As metodologias incluíram dinâmicas de corpo e voz, leituras dramatizadas, improvisação, exercícios de interpretação, práticas de sincronia labial, adaptação de textos e experimentação com trechos audiovisuais. Os idealizadores observaram resultados positivos tanto na prática de técnicas de corpo, voz, dublagem, interpretação e adaptação musical quanto nas atividades de gravação. Os participantes mais assíduos obtiveram um desenvolvimento notável no que tange às percepções sobre o tema e à compreensão do conteúdo ao longo das oficinas.

Durante as atividades, foram utilizados materiais como microfones, caixas de som, roteiros, trechos de filmes e animações adaptadas, tendo boa parte sido produzida pelos próprios realizadores e convidados das oficinas. Todo o material digital criado foi posteriormente

disponibilizado aos participantes através do Google Drive, que foi compartilhado por meio da comunidade do projeto no WhatsApp.

“O ‘Versão Brasileira’ tornou-se um grande divisor de águas em minha formação acadêmica. Ter a experiência de conceber um antigo sonho junto a um parceiro que compartilha da paixão pela dublagem tanto quanto eu foi o que fez o projeto tornar-se o que é: uma grande árvore de conhecimento, experiência e profundas conexões com a arte e seus artistas”, relata Veríssimo sobre o impacto da pesquisa em sua formação. “Foi fonte de um grande progresso pessoal e profissional, me permitindo estar em contato próximo com o mercado de trabalho da dublagem, do audiovisual e da cultura, promovendo não apenas meu repertório técnico e criativo, mas também minha maturidade acadêmica”, destaca.

Serra conta que sua participação nas oficinas e na organização geral do projeto teve um impacto significativo em sua formação acadêmica e pessoal. “O projeto também me proporcionou contato com diversas áreas complementares, como marketing cultural e gestão de redes sociais, ao lidar com a divulgação das oficinas e a manutenção da comunidade virtual do projeto. Essa experiência me permitiu desenvolver competências em organização, planejamento estratégico e resolução de problemas, essenciais para minha formação acadêmica e para minha atuação futura no campo cultural”, destaca.

Os bolsistas também chamam a atenção para a visibilidade alcançada pelo projeto. Ele não só atraiu centenas de participantes, como também ganhou espaço na mídia e nas redes sociais, contribuindo com a difusão da dublagem em Juiz de Fora. Por meio dessa divulgação, foi possível alcançar pessoas de grande nome na profissão, como o exemplo de Kika Tristão. Além da divulgação feita pelas plataformas digitais da UFJF e da Fundação Cultural Alfredo Ferreira



Oficina com o tema “Acessibilidade linguística voltada para a audiodescrição”, com Patricia Almeida, ofertada no Jardim Botânico da UFJF

Lage (Funalfa), o “Versão Brasileira” também contou com uma entrevista ao telejornal MG1, importante noticiário da mídia local (TV Integração, afiliada da Rede Globo), em novembro de 2024.

Nos últimos 90 dias desta edição do Pibiart, o perfil do projeto no Instagram (@versaoobrasileira) ultrapassou a marca de 33 mil visualizações, além de ter alcançado quase 7 mil contas e adquirido mais de 400 seguidores. A dupla, no entanto, ressalta que, para além dos números, o que fica é a criação de uma comunidade que se mantém viva. Pessoas que participaram de uma oficina voltaram para as subsequentes, não apenas pelo conteúdo, mas pela sensação de pertencimento criada nesse ambiente. Serra e Veríssimo apostam nesse ponto como o verdadeiro impacto sociocultural do projeto: a dublagem foi o fio condutor, mas o resultado foi a construção de laços.

Os autores da pesquisa acreditam que conseguiram contribuir para despertar o interesse e fortalecer a paixão pela arte de dublar, deixando memória e legado para futuros profissionais e para o fortalecimento da dublagem como indústria e linguagem artística em Juiz de Fora. Além disso, eles afirmam estarem certos de que esse é apenas o começo de uma trajetória que continuará rendendo muitos frutos.

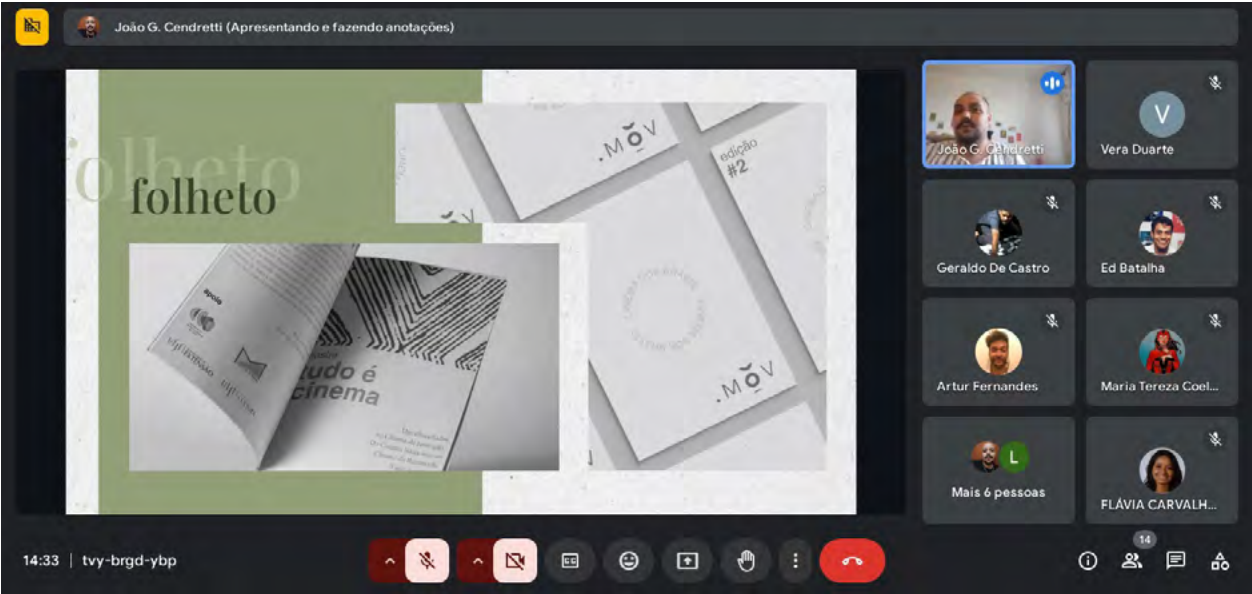
Ismael Crispim

VERSÃO BRASILEIRA: A DUBLAGEM COMO MEIO DE ACESSIBILIDADE LINGUÍSTICA

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsistas** Filipe Serra Antunes e Erick Veríssimo Anício Reis *Cinema e Audiovisual*

Orientadores Professores Sérgio José Puccini Soares e Luís Antônio Dourado Júnior

LUZES QUE ACENDEM PENSAMENTOS: O CAMINHO CRIADO PELO CINEMA



Participação do projeto nas Oficinas de Verão do campus Governador Valadares da UFJF

O projeto *Cineclube Movimento*, desenvolvido pelos bolsistas João Gabriel Cendretti Rodrigues e Analice Almeida Ferreira, integra as ações de pesquisa do grupo CPCine (História, Estética e Narrativas em Cinema e Audiovisual) e tem como propósito fomentar a divulgação, exibição e discussão de obras cinematográficas que possuem pouco espaço no circuito comercial, mas que apresentam relevância cultural. Dessa forma, o projeto também fortalece a integração com a comunidade juiz-forana.

Entre as atividades realizadas, estão a sistematização e a padronização de materiais impressos, como cartazes, folhetos e listas de presença, além da elaboração da divulgação no painel do Cineclube Movimento no Instituto de Artes e Design (IAD). Também foi produzida a mediação da 4ª Mostra Cinemas do Brasil, no IAD, assim como a criação do projeto gráfico, confecção e distribuição de folhetos para cada sessão, contendo informações e sinopse dos filmes, texto curatorial e texto crítico.

As ações englobam ainda a realização de uma oficina em parceria com o campus de Governador Valadares, abordando a presença do design gráfico no mercado audiovisual, além da atualização do site com informações sobre as sessões e mostras complementares. Houve edição de vídeos para divulgação da “Mostra Fluxo”, incluindo a animação de abertura, bem como o registro audiovisual e fotográfico das sessões para divulgação no Instagram. A impressão de materiais complementares, como listas de presença, folhetos e cartazes, compôs outra frente de atuação, assim como a curadoria, mediação de sessões e apoio aos discentes.

Segundo Cendretti, o trabalho aprimorou suas habilidades em design gráfico – especialmente em materiais impressos, como folhetos e cartazes – e expandiu seu repertório crítico-cultural por meio das atividades curatoriais. Já para Analice, a participação no projeto expandiu suas capacidades criativas na edição de vídeo e animação gráfica, desenvolvendo



O bolsista João G. Cendretti em apresentação do cineclube no auditório do Museu de Artes Murilo Mendes

mídias para as redes sociais e abertura de mostra, além de a introduzir na experiência de edição e alimentação de sites institucionais, gerando ainda conhecimento na área de acessibilidade digital. “A partir da curadoria e mediação, pude pesquisar e aprofundar assuntos ligados aos meus interesses em estudos de cinema. Finalmente, me possibilitou um contato próximo a equipamentos de projeção e exibição”, relata.

Além da facilitação e apoio às atividades presenciais do Cineclube Movimento, a implementação do folheto criou um canal literário entre o Cineclube e seu público, qualificando o debate e oferecendo materiais didáticos para a mediação cinematográfica. A oficina sobre práticas de design no cinema e no audiovisual somou-se às ações que, junto à divulgação nas mídias sociais e no site, ampliaram o acesso da comunidade externa à Universidade, divulgando o trabalho realizado e convidando novos participantes para as sessões. No âmbito acadêmico, os alunos foram acompanhados em todas as etapas do processo de curadoria e incentivados a participar dos debates, fortalecendo sua formação crítica e cultural.

Maria Eduarda Canfidelis

CINECLUBE MOVIMENTO

Modalidade Grupos Artísticos . **Bolsistas** João Gabriel Cendretti Rodrigues e Analice Almeida Ferreira *Bacharelado em Cinema e Audiovisual*

Orientadora Professora Alessandra Souza Melett Brum



Cartaz de divulgação do projeto em painel do Instituto de Artes e Design (IAD-UFJF)

CAUSOS GERAIS: A PIPOCA COMO FIO DE MEMÓRIA E CULTURA



Captação externa de imagens para o documentário

Quando a cultura popular vira lente e câmera, ela revela laços invisíveis entre cotidiano, memória e identidade. Esse foi o caminho trilhado pelo *Coletivo Causos Gerais*, projeto do Pibiart que articulou pesquisa, formação e produção audiovisual para valorizar saberes locais. A partir de encontros teóricos e práticas de campo, os bolsistas produziram um documentário autoral sobre a importância cultural da pipoca e realizaram sessões de cine-debate que aproximaram campus universitário e cidade em torno de questões de memória, patrimônio e direitos humanos.

Para a bolsista Laís Aguiar, houve um encontro decisivo entre pesquisa e afetos: “Acho que o momento em que percebi que o projeto fazia realmente sentido foi quando entrei em contato direto com as pessoas que participaram do documentário ‘Palomitas’”. Ao ouvir suas histórias, percebi que a pipoca não era apenas um símbolo cultural para mim, mas que carregava significados diferentes e uma presença especial na vida de cada uma delas. Esse encontro com os personagens e suas vivências me fez entender de verdade o propósito do projeto”.

O documentário *Palomitas* nasce dessa escuta: a pipoca é tratada não só como alimento, mas como elemento simbólico que atravessa tradições familiares, espaços públicos e rituais religiosos, em especial nas devoções da matriz afro-brasileira. Ao transformar relatos orais em narrativa audiovisual, o coletivo realizou um trabalho de tradução cultural, convertendo acervos de memória em imagens e sons.

Mais do que um exercício técnico, o projeto se tornou uma experiência formativa que atravessou o fazer acadêmico e o sensível. A rotina de estudos e produção incentivou o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento e exigiu dos participantes um olhar atento à escuta e à narrativa. Os bolsistas mergulharam em processos que envolveram desde a pesquisa teórica e o desenvolvimento de roteiros até a captação de som e imagem, a decupagem do material e a edição final do documentário. Cada etapa se tornou um aprendizado sobre como transformar pesquisa em linguagem e teoria em gesto criativo.



Equipe reunida para gravação de entrevista que compôs o documentário



Bastidores da gravação de entrevista para o documentário *Palomitas*

O impacto do projeto ultrapassou os muros acadêmicos. As exposições do documentário e os cine-debates realizados no campus da UFJF e no Memorial da República Presidente Itamar Franco (MRPIF) criaram pontes entre estudantes, professores, artistas e comunidade. Esses encontros mostraram o poder do cinema documental como ferramenta de reflexão sobre identidade, memória e direitos humanos, além de reforçarem o papel da universidade pública como produtora de cultura viva e acessível.

Ao valorizar um elemento cotidiano como a pipoca, o coletivo revelou o quanto a cultura popular carrega de simbólico, afetivo e político. As histórias reunidas em “*Palomitas*” evidenciam que os rituais, sabores e gestos do dia a dia são também formas de resistência e de afirmação identitária. Assim, o projeto reafirma a importância de escutar e registrar as vozes que

mantêm vivas as tradições, transformando o ordinário em matéria de arte e memória.

Décio Luiz Lima



Reunião de planejamento da equipe

COLETIVO CAUSOS GERAIS

Modalidade Grupos Artísticos . **Bolsistas** Laís Aguiar de Souza Machado *Bacharelado em Ciências Sociais*; Isabela Ohana Cardoso dos Santos *Cinema e Audiovisual*

Orientador Professor Cristiano José Rodrigues

CLIQUE ALÉM DOS ESTEREÓTIPOS



Foram ministradas três oficinas para as crianças do bairro Dom Bosco

O projeto *Fotocópia*, conduzido pela bolsista Flavia Santos Freitas Rosa, surgiu como um contraponto ao processo de mercantilização da imagem na era digital. Ao contrário de imagens padronizadas ou publicitárias, o foco está na representação de comunidades pelas suas próprias crianças, estimulando um olhar artístico e crítico sobre suas vivências, para além dos estereótipos periféricos. A ideia era desenvolver uma iniciação artística que questionasse o uso e as possibilidades da imagem no mundo contemporâneo, superando a lógica da banalização e da publicidade das redes sociais.

Em sua segunda edição no Pibiart, o projeto manteve a atuação no bairro Dom Bosco, vizinho à Universidade Federal de Juiz de Fora. A iniciativa foi desenvolvida, pela segunda vez, em parceria com a ONG Associação

dos Amigos (Aban), para um público-alvo formado por crianças de 8 a 13 anos. Diferentemente da edição anterior, que abordou uma técnica experimental por oficina, a atual concentrou-se na fotografia digital, utilizando câmeras variadas e explorando recortes temáticos direcionados.

Os encontros proporcionaram aos participantes um novo olhar sobre o fazer fotográfico como forma de expressão e representação individual e coletiva. O processo contribuiu para o enriquecimento teórico e prático, democratizando conhecimentos que, frequentemente, ficam restritos a pequenos círculos. A metodologia de arte-educação adotada pela bolsista baseou-se em ser um lugar de troca e escuta, evitando imposições e priorizando a construção das narrativas visuais pelos próprios alunos.



Crianças aprenderam os aspectos técnicos, coletaram referências visuais e produziram as próprias fotografias nas oficinas



O trabalho final do projeto foi um mural fotográfico na sede da ABAN

A estrutura das oficinas foi dividida para aprofundar o aprendizado. No primeiro encontro, as crianças foram introduzidas aos elementos da composição fotográfica, como enquadramentos e ângulos, com práticas em duplas e trios. O segundo encontro trouxe referências visuais, como o trabalho da fotógrafa Salem, que representa a vida na comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro, de forma artística. Após esse momento, o grupo foi para as ruas do Chapadão para produzir suas fotografias. No terceiro encontro, os participantes fotografaram na Rua João Beghelli, onde fica a sede da Aban, e realizaram a curadoria das imagens para o trabalho final. O projeto buscou estimular a produção artística acessível e de baixo custo, produzindo um mural de lambe-lambe com as fotos na fachada da instituição.

O projeto impactou significativamente a comunidade do Dom Bosco. O mural final, em especial, despertou

o interesse de moradores, que paravam para olhar as fotografias e comentar sobre a iniciativa. O *Fotocópia* serviu como instrumento de preservação da memória cultural e valorização da comunidade local, viabilizando o aprendizado e a produção fotográfica para crianças e possibilitando, de forma direta e indireta, a participação de outros membros da comunidade.

A experiência também contribuiu para a formação estudantil da bolsista. Além do aprofundamento teórico sobre a temática específica da fotografia e sua mercantilização, Flavia ganhou experiências em arte-educação e gestão de projetos sociais. O trabalho fortaleceu sua percepção sobre a responsabilidade e a necessidade de novas narrativas, confirmando a arte como um espaço de troca e empoderamento para os alunos.

Júlia Gaspar

FOTOCÓPIA

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Flavia Santos Freitas Rosa *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientadora Professora Letícia de Alencar Bertagna

FOTOGRAFIA, POESIA E AUTODESCOBERTA



Exposição (JV F) Experimental, realizada na Galeria Guaçuí, no IAD

O Projeto *Ressonâncias Visuais: Investigações para uma autopoiesis fotográfica*, da bolsista Larissa Noé, investiga os processos fotográficos alternativos e autorretratos, tanto históricos quanto contemporâneos, em diálogo com dimensões educativas, sociais e culturais. A pesquisa explora técnicas clássicas como cianotipia e antotipia, além de experimentações com interferências na imagem e processos híbridos e experimentais, resultando em novas narrativas visuais a partir de imagens já existentes.

Além da produção individual, o projeto teve um forte caráter de formação artística e social, com a realização de oficinas que aproximaram diferentes públicos da prática fotográfica. Foram ministradas atividades de cianotipia durante o Festival de Publicações

Experimentais Faísca, em Belo Horizonte; de fotografia com celular no SESC-MG, voltadas para adultos e idosos; e uma oficina no bairro Vale Verde, em Juiz de Fora, com adolescentes, que destacou a fotografia como instrumento de preservação da memória e expressão comunitária.

Foi realizada também a oficina de ressignificação poética do autorretrato, na UFJF, onde os participantes foram convidados a fazer um exercício de autoinvestigação e experimentação artística da própria imagem. O objetivo era que as pessoas se experimentassem artisticamente e passassem a se olhar com mais cuidado e atenção, enxergando a si mesmas como território de criação. Assim, cada um interferiu manualmente no próprio autorretrato, utilizando rasuras como recursos expressivos, recortes de palavras e técnicas de bordado ensinadas durante a oficina.

Ressignificar o autorretrato, para Larissa, é expandir o potencial poético das imagens, tratando-as como um território de criação, não apenas um espelho. “Quando a gente interfere nas imagens, consegue expandir esse potencial e se permite ressignificar as formas de olhar para dentro”, pontua.



Mostra do trabalho da bolsista na oficina “Ressignificação Poética do Autorretrato”



Oficina “Ressignificação poética do autorretrato”

O trabalho realizado foi fundamental para o desenvolvimento do percurso acadêmico e artístico da estudante, contribuindo para a construção de um portfólio autoral e servindo de base para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Segundo a bolsista, o projeto proporcionou um espaço de ensino, criação e troca de saberes artísticos, reafirmando a fotografia como linguagem viva, poética e experimental, capaz de gerar ressonâncias visuais e identitárias entre artista, imagem e comunidade.



Participantes da oficina apresentam seus resultados

Rafaela Tempêsta

RESSONÂNCIAS VISUAIS: INVESTIGAÇÕES PARA UMA AUTOPOIESIS FOTOGRÁFICA

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Larissa Teixeira Noé *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientadoras Professoras Letícia de Alencar Bertagna e Bárbara Lúcia de Almeida

HISTÓRIA NA PALMA DA MÃO



Apresentação do projeto exibe elementos do acervo recriados em impressão 3D para ampliar a experiência tátil de visita

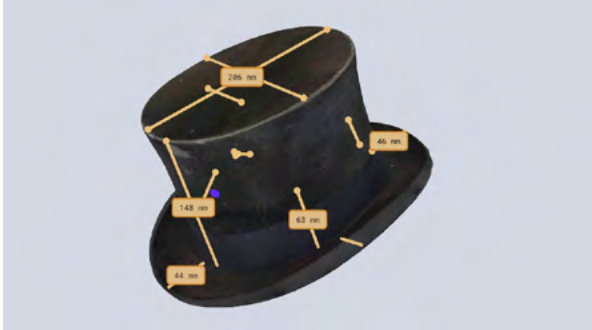
A cada nova atividade, as miniaturas impressas em 3D das peças do Museu Mariano Procópio aproximam o público da experiência tátil, rompendo barreiras de acessibilidade e ampliando a compreensão do patrimônio histórico e artístico da cidade. Mais do que uma proposta tecnológica, o projeto *Mapro Acessível: Impressão 3D de indumentárias no Museu Mariano Procópio* tornou-se uma ponte entre universidade, comunidade e pessoas com baixa visão, promovendo sensibilização, inclusão e reflexão sobre as possibilidades da visitação museal.

O projeto teve como principal objetivo criar soluções para os desafios enfrentados por pessoas com baixa visão na interação com as indumentárias expostas. A partir do aperfeiçoamento do escaneamento por fotogrametria e da impressão 3D, foram desenvolvidas miniaturas táteis que permitem explorar formas,

detalhes e arremates internos das peças. “A miniatura impressa trabalha a percepção tátil não apenas de crianças, mas de diferentes faixas etárias, possibilitando múltiplas interpretações e experiências sensoriais durante a visita ao museu”, explica a bolsista Letícia Calvano Teixeira.

De acordo com Letícia, o projeto ampliou significativamente sua formação acadêmica. “A vivência prática em diferentes etapas de pesquisa e criação me exigiu soluções criativas para imprevistos, como adaptação de materiais de impressão, busca de parcerias interdepartamentais e desenvolvimento de novas estratégias de digitalização. O convívio com públicos acadêmicos e não acadêmicos, especialmente nas oficinas, reforçou a dimensão social do trabalho e transformou meu olhar sobre os objetos de estudo”, afirma. O projeto também serviu de base para seu *Trabalho de Conclusão de Curso*, aprofundando análises sobre acessibilidade, tecnologia assistiva e indumentária histórica.

As oficinas presenciais foram momentos centrais do projeto. Entre dinâmicas práticas, participantes escutaram audiodescrições, fizeram esboços das miniaturas e interagiram com as impressões 3D, discutindo formas de enriquecer sensorialmente as peças. As atividades também incluíram debates sobre a necessidade de soluções inclusivas para o público com



Arte digital apresenta a recriação de uma cartola do acervo como etapa do processo de modelagem para impressão 3D



Alunos realizam estudos e anotações durante oficina focada em acessibilidade museal

deficiência visual, como placas em Braille e miniaturas táteis. Apesar da participação limitada em alguns eventos, a experiência proporcionou aprendizado sobre a interpretação sensorial e social das exposições.

Além do aspecto técnico, o impacto social do projeto é significativo. As miniaturas tridimensionais oferecem novas formas de interação para pessoas com baixa visão, enquanto a discussão sobre acessibilidade sensibiliza outros visitantes e amplia o conhecimento sobre patrimônio histórico-cultural de Juiz de Fora e Santos Dumont. O projeto também fortaleceu a relação entre universidade e comunidade, promovendo trocas com estudantes, professores, profissionais e visitantes em atividades que estimulam participação, aprendizagem e reflexão crítica.

Com oficinas, palestras, pesquisas e impressões 3D, o Mapro Acessível reafirma o papel da UFJF como agente de inclusão e inovação cultural. O projeto não apenas

proporciona acessibilidade e formação, mas também amplia a experiência estética e educativa de visitantes e estudantes, fortalecendo o diálogo entre tecnologia, arte e sociedade.

Renato Ramos



A reconstrução em 3D de indumentárias permite estímulos sensoriais, como o tato, que tornam a experiência mais acessível

MAPRO ACESSÍVEL: IMPRESSÃO 3D DE INDUMENTÁRIAS NO MUSEU MARIANO PROCÓPIO

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Letícia Calvano Teixeira *Moda*

Orientadores Professores Débora Pinguello Morgado e Ivan Mota Santos

VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA POR MEIO DA ARTE



Autorretrato produzido na atividade evidenciou a proposta de expressão simbólica em camadas, sem exigência de técnica prévia

O projeto *Força Feminina e (Re)Conhecimento – Uma Jornada Artística e Teórico-Prática*, desenvolvido pela bolsista Ísis Junqueira Pinheiro sob orientação da professora Annelise Nani da Fonseca, teve como objetivo central promover o reconhecimento e a valorização da identidade feminina por meio da arte. A iniciativa uniu prática artística, reflexão teórica e vivência coletiva, criando espaços de escuta e expressão para mulheres de diferentes gerações.

O principal produto do projeto foi a oficina “Retrato em Camadas: Oficina de Autorretrato com Papéis Coloridos”, feita para ser acessível a todas as participantes, independentemente de experiência em desenho ou pintura. Por meio da colagem em camadas, cada mulher pôde elaborar simbolicamente suas vivências, ressignificar aspectos de sua trajetória

e refletir sobre sua identidade. A oficina se estruturou em três momentos: acolhimento e diálogo sobre experiências pessoais, produção de autorretratos e uma roda de partilha.

A união das participantes gerou impacto positivo e resultados de grande diversidade de expressões, revelando a riqueza das narrativas individuais, bem como a força do diálogo intergeracional e da criação coletiva. Algumas mulheres se representaram por meio de figuras humanas, outras por formas e símbolos abstratos, enquanto algumas incorporaram cores e camadas que representavam emoções, memórias e vivências.



Participante desenvolve autorretrato durante oficina que propõe reflexão sobre identidade e trajetória feminina por meio da arte

Além da dimensão prática, o projeto avançou teoricamente por meio da revisão bibliográfica sobre força feminina, interseccionalidade e questões raciais, além da estruturação metodológica da oficina, que servirá de base para um futuro artigo acadêmico. A atividade também gerou visibilidade dentro da



Oficina intergeracional reuniu mulheres de diferentes idades em um espaço de escuta, criação e partilha de experiências

comunidade feminina de Juiz de Fora e contribuiu para o fortalecimento de narrativas muitas vezes silenciadas, mostrando como a arte pode ser uma ferramenta de resgate e valorização da identidade.

Para Ísis, a experiência foi transformadora. O projeto permitiu desenvolver competências acadêmicas e práticas, como pesquisa, planejamento, condução de atividades artísticas e acolhimento das participantes. Isso proporcionou crescimento pessoal, ao exigir organização logística, adaptação metodológica e sensibilidade no trato com diferentes histórias de vida, preparando-a para futuras atuações como pesquisadora, educadora e arteterapeuta.

Embora a oficina tenha sido realizada com sucesso, o artigo acadêmico relacionado ao projeto segue em andamento. A bolsista decidiu adiar sua finalização para aprofundar a prática na arteterapia e enriquecer a análise teórica para melhorar o resultado futuro com experiência e riqueza do material produzido.

Manuella Abreu



Algumas participantes não se representaram como figura, mas criaram formas e símbolos que falavam de suas dores e trajetórias

FORÇA FEMININA E (RE)CONHECIMENTO – UMA JORNADA ARTÍSTICA E TEÓRICO-PRÁTICA

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Ísis Junqueira Pinheiro *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientadora Professora Annelise Nani da Fonseca

SINALIZAÇÃO E ACESSIBILIDADE NO MAEA



Participante explorando texturas e objetos durante a Oficina dos Sentidos

Com o objetivo de criar e implementar o Manual de Identidade Visual do MAEA, além de desenvolver materiais gráficos e estratégias de sinalização acessível para os espaços expositivos do museu, o bolsista Eduardo Galletti do Nascimento desenvolveu o *Projeto de Sinalização do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana (MAEA)*. A proposta buscou integrar design, acessibilidade e comunicação museal, contribuindo para a democratização do acesso ao patrimônio arqueológico e etnológico da instituição.

O projeto envolveu a criação de peças gráficas fundamentais, como a placa de sinalização da entrada do Sítio Arqueológico Escola e o banner da sala de Arqueoastronomia, além da elaboração do Manual de Identidade Visual, documento que define padrões de cor, tipografia e aplicações do logotipo, garantindo

coesão estética e comunicacional nas futuras produções do museu. A pesquisa também abordou o uso de recursos digitais e inclusivos, como elementos táteis e visuais adaptados, para facilitar a navegação de públicos diversos, incluindo pessoas com deficiência.

Como parte prática e formativa, o projeto promoveu a “Oficina dos Sentidos”, realizada na sede do museu, inspirada na metodologia dos quatro elementos de Gaston Bachelard. A atividade propôs aos participantes que ficassem vendados durante o percurso, criando uma experiência sensorial que os colocava no lugar de pessoas cegas e incentivando a reflexão sobre os desafios da navegação e da percepção em espaços expositivos. O exercício convidou o público a explorar o ambiente de forma não visual e a repensar o conceito de acessibilidade museal.



Desenho da placa do Sítio Arqueológico Escola



Participantes durante o exercício sensorial na Oficina dos Sentidos

O bolsista também destacou algumas contribuições do projeto para a sua formação estudantil, como o desenvolvimento de habilidades técnicas no uso de softwares de design e o aprofundamento de sua compreensão sobre comunicação acessível em museus, participando ativamente de ações educativas e mediações culturais no MAEA. A atuação junto ao público permitiu que o discente observasse as diferentes formas de interação e percepção dos visitantes, especialmente de pessoas com deficiência visual ou neurodivergentes. “Não basta colocar uma sinalização em braille ou *QR Code* se não há interação com as pessoas. Mais que o projeto físico ou digital, temos que ressaltar a relação atitudinal na comunicação”, ressaltou.

Além da padronização visual e comunicacional do MAEA, o trabalho proporcionou um diagnóstico sobre a relação entre público, espaço e comunicação, destacando lacunas e propondo melhorias para tornar o museu mais inclusivo e sensível às diferenças. É importante destacar também que a criação da placa de sinalização na entrada do sítio escola, com a ajuda do colaborador Wagner Monteiro e de Ana Luisa Amaral, bolsista do museu, foi de suma importância para a comunidade visitante. “Através da sinalização, quaisquer pessoas que transitam pelo lugar entenderão que o espaço externo atrás do Centro de Ciências se trata do Sítio Arqueológico Escola”, explicou.

Rafaela Tempêsta



Mesa com objetos sensoriais utilizados durante a Oficina dos Sentidos

PROJETO DE SINALIZAÇÃO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA AMERICANA (MAEA)

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Eduardo Galletti Stroppa Nunes do Nascimento *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientadoras Professora Letícia Perani Soares e Luciane Monteiro de Oliveira

A ARTE DOS CARTAZES COMO REFLEXO CULTURAL

O projeto As manifestações gráfico-estéticas dos pôsteres de 1945 até meados de 1960 analisou o período do pós-guerra mundial até o início dos anos 1960, explorando as transformações estéticas dos cartazes e suas conexões com as vanguardas modernas e com o contexto sociocultural da época. A pesquisa resultou na criação de um jogo de cartas temático, que propõe uma reflexão lúdica sobre a evolução dos cartazes urbanos até a era digital dos anos 1970.

O interesse do bolsista Guilherme Duarte pelo tema surgiu a partir da observação das diferenças visuais entre os cartazes de cinema de Hollywood e os da Europa. Essa distinção despertou o desejo de compreender como fatores históricos e sociais, especialmente o período pós-Segunda Guerra Mundial, influenciaram as linguagens visuais e os modos de criação artística.



Jogo de cartas reuniu pôsteres produzidos no pós-Segunda Guerra como parte do estudo



O bolsista Guilherme Duarte apresentando os conceitos do projeto em sua oficina

“Percebi que esse era um momento em que surgiam muitas vertentes criativas, e quis entender como essas manifestações se relacionavam com o contexto cultural e político da época”, explica.

Durante a pesquisa, o estudante mapeou acervos de museus, bibliografias especializadas e coleções digitais, reunindo e catalogando mais de 300 cartazes. Esse levantamento o fez identificar movimentos importantes, como a Escola Polonesa de Cartazes, marcada pela liberdade criativa e pela fusão entre arte



Material desenvolvido no projeto propôs reflexão sobre o cartaz como suporte artístico, do espaço urbano ao ambiente digital

e design em um país devastado pela guerra. Outro destaque foi a Escola de Nova York, com nomes como Saul Bass, autor de icônicos pôsteres de filmes de Alfred Hitchcock, como *Vertigo* (1958).

“Essas descobertas ampliaram muito meu repertório teórico e visual”, conta o bolsista, que acrescenta: “Foi surpreendente perceber como os artistas poloneses conseguiram reinventar a linguagem gráfica num cenário de reconstrução social, e como os norte-americanos experimentaram novas formas de integrar imagem e texto”.

Entre os cartazes que mais o impactaram estão os de *Belíssima* (1954), de Henryk Tomaszewski, e obras de crítica social produzidas nas décadas seguintes, como *In Bad Breath* (1967), de Seymour Chwast, e *Give* (1968), de Tomi Ungerer, que denunciavam o imperialismo e

as guerras patrocinadas pelos Estados Unidos. Essas descobertas levaram o bolsista a refletir sobre como a arte gráfica expressa as tensões e contradições de seu tempo.

O produto final da pesquisa, o jogo de cartas inspirado no modelo “Timeline”, surgiu de uma sugestão do orientador Luís Cláudio Fajardo. O objetivo foi transformar o conteúdo teórico em uma ferramenta didática e interativa. Com cerca de 100 cartas selecionadas, o jogo convida os participantes a organizar cronologicamente os pôsteres e reconhecer suas características estéticas e históricas. “O jogo estimula o aprendizado por tentativa e erro e oferece uma experiência divertida, mas também educativa. Foi gratificante ver o interesse de colegas e participantes das oficinas”, relata o estudante.

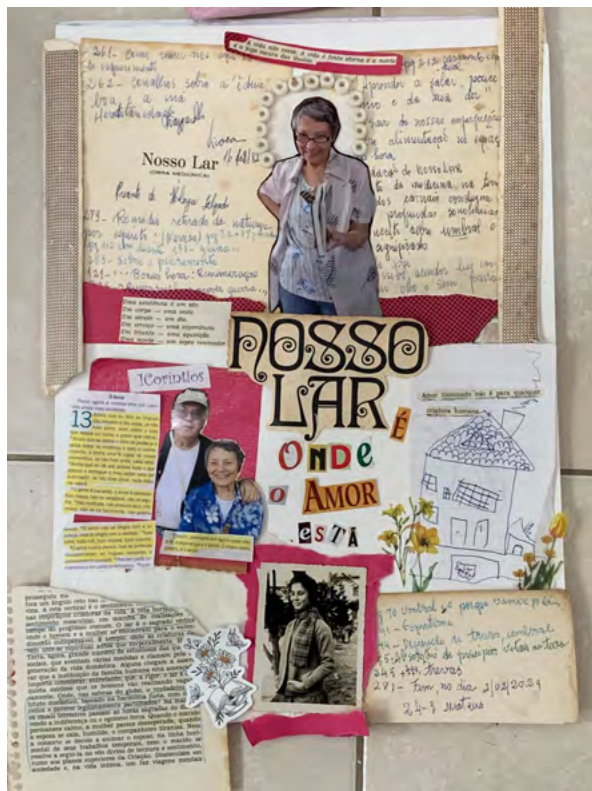
Manuella Abreu

AS MANIFESTAÇÕES GRÁFICO-ESTÉTICAS DOS PÔSTERES DE 1945 ATÉ MEADOS DE 1960

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Guilherme Duarte Da Silva *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientador Professor Luís Cláudio Costa Fajardo

A COLAGEM COMO TÉCNICA PARA O RESGATE DO PASSADO



Colagem desenvolvida pela bolsista Luana Fonseca

O projeto *Entre páginas de memórias*, desenvolvido pela bolsista Luana Fonseca Barros, propôs uma profunda interlocução entre a técnica de colagem, o resgate da memória e os livros. O ponto de partida foi uma investigação de registros, marcas, escritos e dedicatórias que foram encontradas em livros usados, coletados em sebos, bazares e acervos pessoais. A pesquisa buscou despertar uma relação emocional, positiva ou negativa, com esse material esquecido, utilizando esse sentimento como força motriz para a produção artística. O objetivo era ressignificar os objetos utilizados — tanto as palavras escritas quanto os papéis recortados —, abrindo espaço para uma reinvenção simbólica a partir de um olhar mais sensível.

A estruturação do trabalho envolveu uma ampla investigação teórica, abrangendo desde a trajetória

histórica e as técnicas da colagem até as metodologias de ensino de arte. Para desenvolver um plano de ensino, a bolsista lapidou uma poética visual própria, criando obras com colagens autorais. Para Luana, a imersão nos materiais de época permitiu costurar as marcas do passado com sua visão criativa, extraindo a força transformadora do próprio processo artístico.

Como parte da iniciativa, foi ministrada a oficina intitulada “Ressignificando palavras e rabiscos por meio da colagem”. A atividade central era a elaboração de uma colagem que cruzasse as impressões contidas nos livros doados com a expressão visual pessoal de cada participante, utilizando materiais como livros, revistas, jornais, papéis coloridos, alumínio, fitas e adesivos para potencializar o processo criativo. A oficina foi orientada a partir da metodologia da Abordagem Triangular, desenvolvida pela arte-educadora Ana Mae Barbosa. Essa estrutura permitiu introduzir os fundamentos e propósitos do projeto, seguindo para a análise de obras e, finalmente, chegando à criação manual.

O principal impacto percebido pela estudante foi a experiência de conduzir o processo criativo focado na transformação de lembranças de estranhos em um espelho para as vivências dos participantes. Para



Apresentação da bolsista durante a oficina



Livros e revistas garimpados para realização do projeto

muitos presentes, que não tinham familiaridade com a colagem, a atividade representou um contato inicial altamente significativo com essa forma de expressão. O retorno foi encorajador, com diversos participantes manifestando o desejo de incorporar a colagem em suas rotinas.



Colagem realizada por participante em oficina

O projeto gerou uma provocação à reflexão sobre o que é guardado ou esquecido, permitindo que a arte atue como ferramenta de reconciliação com a própria história. Durante a oficina, foram levantadas temáticas delicadas, como o luto, as recordações da juventude e a passagem do tempo, o que resultou em momentos emocionantes. O resgate desse tipo de expressão, que vincula a criação manual à sensibilidade, deixa um legado duradouro ao validar a emoção como parte do processo artístico. “Em uma sociedade extremamente acelerada, onde não há um tempo para as pessoas processarem e refletirem sobre as próprias emoções e vivências, é um legado resgatar um fazer artístico que conecta a prática e o sentir, impactando como as pessoas enxergam o próprio mundo”, destaca a bolsista.

Júlia Gaspar

ENTRE PÁGINAS DE MEMÓRIAS

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Luana Fonseca Barros *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientadora Professora Letícia Perani Soares

PONTOS DE VISTA: A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CONCEITO DE ARTE



O objetivo de Ana Clara é tornar a arte acessível

O projeto *Arte em foco: pontos de vista*, da bolsista Ana Clara Andrade Borges, nasceu de uma pesquisa sobre o conceito de arte, considerando perspectivas históricas, teóricas e populares. Como fruto desse trabalho, foi desenvolvido um material em formato de livro. A bolsista compartilha o conceito por trás desse projeto: “partindo dos diversos pontos de vista, e movida por minha paixão pela ilustração, juntei o útil ao agradável. Minha ideia era unir tanto os saberes considerados eruditos sobre a arte quanto

os saberes mais populares. Para isso, realizei uma ação de escuta: fui atrás de diversas pessoas, buscando alcançar experiências de vida distintas”.

Assim, Ana Clara desenvolveu sua pesquisa e a oficina por meio de uma inquietação vinda desde o ensino médio sobre o que seria a arte, e, atualmente, como aluna do Instituto de Artes e Design (IAD), estruturou um projeto que buscava ouvir diferentes pessoas, cada uma com sua realidade e visão de mundo. Ao juntar todas essas perspectivas, ela escolheu a narrativa que iria seguir: “eu queria que, mesmo misturando diferentes visões, ela fosse acessível. Assim, decidi transformá-la em diálogos entre três personagens, cada um representando uma etapa da vida: infância, fase adulta e idade avançada. Esses personagens foram criados a partir das respostas que coletei nas entrevistas”.

A oficina ministrada ao final do período do projeto foi uma forma de colocar em prática os ensinamentos sobre didática docente. A atividade, que teve quase 30 inscritos, contou com módulos expositivos, como contexto histórico da arte, índice e símbolo, definição de ícone e linhas do tempo, além de partes práticas, como análise de caso, jogo dos sete erros, ficha de personagem e cadáver esquisito, que consiste em uma



A oficina se dividiu entre teoria e prática, refletindo os diversos pontos de vista dos participantes



A bolsista Ana Clara com os participantes da oficina, aplicando na prática os aprendizados da pesquisa

criação coletiva de personagens. Segundo Ana Clara, essa experiência foi essencial para sua formação, pois a oficina e a pesquisa materializaram a pergunta que ela fazia antes mesmo da faculdade.



Ana Clara buscou unir em seu projeto saberes considerados eruditos e saberes populares

Um ponto que se destaca é a autonomia que a orientadora Priscilla de Paula ofereceu à estudante ao longo do processo, que possibilitou a expressão de sua criatividade e a aproximou de suas futuras experiências profissionais, devido ao contato com os alunos da oficina. “Foi a primeira vez que me reconheci como arte-educadora e pesquisadora”, afirma Ana Clara. Dessa forma, tanto a bolsista quanto os alunos puderam aprender com esse projeto, face à forma com que os participantes receberam os ensinamentos, abrindo portas para a expressão da comunidade acadêmica.

Helena Levate

ARTE EM FOCO: PONTOS DE VISTA

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Ana Clara Andrade Borges *Licenciatura em Artes Visuais*
Orientadora Professora Priscilla D. G. de Paula

TECENDO HISTÓRIAS

Resgatar lembranças, reconhecer os saberes e valorizar o fazer manual são as principais ideias que compõem o projeto *Amostras de memória: a relevância histórica, cultural e social dos livros de exercício de costura*, desenvolvido pela bacharelanda em Moda Beatriz Lacerda. A pesquisa investiga como a costura e os cadernos de exercícios, usados historicamente para aprendizagem da técnica, podem ser entendidos como manifestações culturais, afetivas e identitárias por meio da moda.



Momento coletivo de aplicação das técnicas ensinadas na oficina

O projeto nasce da compreensão de que a costura vai além de uma habilidade técnica por também ser uma linguagem simbólica que expressa memórias individuais e coletivas, principalmente femininas e familiares. “Fazer parte do projeto foi uma experiência muito transformadora. Mais do que uma pesquisa, foi um mergulho nas minhas próprias memórias e nas histórias das mulheres que vieram antes de mim. Ao estudar os livros de exercício de costura e os fazeres manuais, percebi o quanto costurar, bordar e remendar carregam sentidos de cuidado, paciência e transmissão de saberes. Foi como viajar entre gerações, encontrando em cada parte do desenvolvimento do projeto um pedaço da minha história familiar. Me fez entender a moda não apenas como expressão estética, mas como espaço de afeto, resistência e preservação cultural”, relata Beatriz.

A partir da análise de livros de exercícios de costura e da realização de uma oficina prática, a pesquisa propôs um diálogo entre a tradição e o contemporâneo, ressignificando práticas muitas vezes associadas ao ambiente doméstico. Essa iniciativa não apenas revisitou o passado, mas também valorizou o papel do fazer manual como instrumento de preservação cultural e expressão pessoal.

Durante sua realização, o projeto obteve importantes resultados. Um dos destaques foi a produção de um artigo aceito no “20º Colóquio de Moda”, realizado em São Paulo em setembro de 2025, e a participação no “IX Seminário de Pesquisa em Artes, Cultura e Linguagens” em 2024. Além disso, a oficina do projeto aproximou a comunidade acadêmica à externa, convidando os participantes a explorar técnicas de costura e bordado a partir de lembranças e histórias familiares.



Participante da oficina demonstrando a construção de um glossário de técnicas por meio de scrapbook

A metodologia utilizada foi a Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa, que integra três dimensões: apreciação, contextualização e prática artística. A partir dela, os participantes puderam compreender não só o aspecto técnico da costura, mas também o contexto histórico e simbólico das práticas realizadas. O uso de materiais simples, como algodão cru, linhas e agulhas, reforçou a ideia de que a costura é um saber acessível e inclusivo.



Bolsista Beatriz Lacerda apresentando a oficina

Para Beatriz, o projeto teve um impacto marcante em sua formação acadêmica e pessoal. “O desenvolvimento do projeto me permitiu enxergar a costura para além de uma técnica, como uma linguagem capaz de traduzir histórias, afetos e silêncios. No campo acadêmico, foi uma oportunidade de amadurecer o olhar crítico, entender o valor simbólico dos saberes manuais e reconhecer como eles dialogam com a história da moda e da educação feminina”, conta.

“No âmbito pessoal, foi um reencontro com minhas origens – com lembranças de mulheres da minha família que, com agulha e linha, teciam muito mais do que peças de roupas ou para o lar: teciam laços, identidades, memórias e herança cultural. Hoje, costurar é, para mim, uma forma de lembrar e seguir. Um elo entre o passado que me inspira e o futuro que desejo construir”.

Assim, entre costuras, lembranças e histórias, o *Amostras de Memória* reafirma a importância de olhar para o cotidiano com sensibilidade e de reconhecer, nos gestos considerados simples, a capacidade para preservar e contar histórias coletivas.

Alice Oliveira



Registro de participante colocando em prática os aprendizados na oficina

AMOSTRAS DE MEMÓRIA: A RELEVÂNCIA HISTÓRICA, CULTURAL E SOCIAL DOS LIVROS DE EXERCÍCIO DE COSTURA
Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Beatriz Eurico Lacerda *Moda*
Orientadora Professora Débora Pinguello Morgado

ESTAMPARIA A PARTIR DE INSUMOS DO COTIDIANO

O projeto *Processos alternativos na produção de estamparia*, conduzido pela bolsista Ihasmim Santiago Batista, trouxe uma investigação prática sobre o design têxtil, buscando caminhos acessíveis e sustentáveis para a criação de estampas. O objetivo central da pesquisa foi desenvolver técnicas a partir de insumos do dia a dia, explorando linguagens como estêncil, gravura e pintura manual. Além de mapear alternativas viáveis, o trabalho buscou compreender a estamparia como uma ferramenta de desenvolvimento criativo, fortalecendo a expressão artística autoral.

A fase inicial foi marcada por uma etapa de experimentação, na qual a bolsista testou diferentes abordagens digitais e manuais. Materiais cotidianos, como fios de lã, paralelepípedos e rolos de papel higiênico foram utilizados, assim como técnicas



Participantes produziram suas próprias matrizes de linogravura durante as oficinas



Camiseta decorada com a técnica de estamparia

conhecidas, como o estêncil e a gravura em MDF, neolite e linóleo. A pesquisa ainda envolveu o tingimento de tecidos com especiarias naturais. Depois, foram selecionadas as técnicas a serem priorizadas, considerando como critérios a facilidade de reprodução, a possibilidade de aplicação em diferentes superfícies e o potencial de expressão individual dos futuros participantes. O balanço dessa análise direcionou o aprofundamento para o estêncil, a pintura manual e a gravura, consolidando uma linha diversificada de produção.

Para disseminar o conhecimento, foram realizadas duas oficinas focadas em linogravura, organizadas em turmas reduzidas para assegurar um acompanhamento detalhado de cada participante. Os encontros foram iniciados com uma introdução ao projeto e um breve histórico da estamparia, apresentando referências



Mostruário com uma série de técnicas exploradas por Ihasmim Santiago

visuais relevantes. Em seguida, os participantes criaram suas próprias matrizes utilizando goivas e linóleo. Por fim, tiveram a possibilidade de experimentar impressões em diferentes superfícies.

O projeto promoveu a interação entre a comunidade acadêmica e a sociedade com uma nova abordagem artística, alcançando um público diverso. Para a bolsista, a troca foi enriquecedora, sobretudo porque, para muitos participantes, foi a primeira experiência na criação de estampas por meio da gravura. Os trabalhos resultantes tiveram múltiplos desdobramentos, sendo aplicados em identidade visual, peças de roupas e artes e impressas.

Além disso, o convite para ministrar a atividade em uma escola confirmou a capacidade do projeto de extrapolar o ambiente universitário e atingir muitos outros espaços de compartilhamento dos saberes. “A

experiência de mediar as oficinas foi especialmente enriquecedora, pois tive a oportunidade de elaborar uma proposta, desenvolver o plano de ensino, organizar a logística e, sobretudo, entrar em contato tanto com pessoas interessadas no tema, quanto com artistas que atuam fora do espaço acadêmico”, relata a bolsista.

A iniciativa também contribuiu de maneira significativa para a formação da discente. Ihasmim iniciou a pesquisa com foco na iniciação artística e, ao longo do projeto, adquiriu a capacidade de desenvolver novas pesquisas e lidar com as adversidades que fazem parte do processo. Nos meses finais, a bolsista direcionou a estamparia para sua produção pessoal, reconhecendo-a como uma linguagem poética que expande sua prática em Artes Visuais.

Júlia Gaspar

PROCESSOS ALTERNATIVOS NA PRODUÇÃO DE ESTAMPARIA

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Ihasmim Santiago Batista *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientadora: Professora Gabriela Andrade de Oliveira

O AXÓ COMO HERANÇA E IDENTIDADE

O projeto *Meu axó não é sua fantasia: uma disrupção sobre o traje das Yabás*, desenvolvido pela bolsista Anna Luíza de Souza Guimarães, sob orientação da professora Débora Pinguello Morgado, promoveu uma reflexão profunda sobre o significado e o respeito às indumentárias do Candomblé, especialmente aquelas associadas às Yabás (divindades femininas da religião). A pesquisa destacou a importância de compreender o axó (vestimenta usada especialmente em rituais das religiões de matriz africana) não como fantasia, mas como um símbolo sagrado, carregado de ancestralidade, identidade e espiritualidade. Ela buscou abordar como os trajes são confeccionados em Juiz de Fora, quem os produz, quais são os elementos que os caracterizam e como as mudanças sociais, a exemplo do avanço dos comércios on-line e a relação com o Carnaval, influenciam sua produção e percepção social.



Guias e fios de conta utilizados em religiões de matriz africana



Bolsista Anna Luíza Guimarães durante apresentação da oficina

“Dar vida a esse projeto e desenvolvê-lo foi muito nutritivo, em nível pessoal e acadêmico, porque, apesar de existir muito avanço, ainda há muito apagamento. É algo que ninguém está falando a respeito, de tão apagado que é por meio de algoritmos, de repressões sociais que são colocadas hoje em dia debaixo do tapete, por medo de cancelamento etc.. Poder afunilar isso, particularmente em Juiz de Fora, foi completamente enriquecedor, principalmente por sair de um eixo (Rio e Salvador) que é sempre procurado quando se trata de religiões de matriz africana. Foi realmente lindo”, exalta a bolsista.

O trabalho revelou que, na cidade, as vestimentas do Candomblé preservam a tradicionalidade de maneira forte e séria, refletindo a reverência e o respeito ao sagrado acima das tendências estéticas. A confecção dos axós, segundo a pesquisa, é orientada por mães e pais de santo ou por equedes, que garantem a fidelidade e a hierarquia espiritual de cada peça, desde a escolha do tecido até o uso nos rituais e nas festas das Yabás. O tecido Richelieu, por exemplo, permanece atemporal e é muito utilizado nas composições.



Imagens de Yabás e seus trajes

A investigação também apontou que há um aumento da procura por roupas, imagens e ornamentos religiosos durante o Carnaval, principalmente quando escolas de samba e blocos afro homenageiam Orixás. Em Juiz de Fora, grupos como Ilú Axé Muvuka, Filhos de Oyá e Niza Nganga Njungo foram citados como exemplos de resistência e valorização da cultura afro-brasileira. No entanto, os participantes da pesquisa demonstraram preocupação com a apropriação indevida de símbolos sagrados, alertando para a importância do respeito e da consciência cultural na construção das homenagens carnavalescas.

Além da pesquisa teórica e das entrevistas, Anna Luíza realizou uma oficina intitulada “Por dentro do traje: o que veste uma Yabá”, na qual os participantes puderam interagir com imagens dos axós e refletir sobre suas simbologias, cores e significados emocionais. Outra atividade, chamada “Nossas cores, minhas vozes”,

propôs uma vivência coletiva de partilha e diálogo sobre identidade e ancestralidade. A adesão às atividades foi considerada positiva e os resultados mostraram um aumento na conscientização sobre o respeito às tradições do Candomblé. “Eu acredito que o projeto foi de suma relevância para desconstruir estigmas associados ao Candomblé e, em especial, visões extremamente estereotipadas e ignorantes que a gente pensa que estão atribuídas a um certo tipo de persona, mas, na verdade, não estão”, analisa.

“Com a pesquisa, foi revelado esse viés preconceituoso por pessoas (uma minoria) que estão indiretamente ligadas ao Candomblé. Acredito que o projeto seja uma ponte para o futuro na compreensão das convergências e divergências, tanto entre o Candomblé e o Carnaval quanto entre o ritual candomblecista juiz-forano e o de outros municípios. Não todo o ritual, apenas um recorte, que são as vestimentas, as suas composições e utilizações”, destaca a bolsista.

O projeto uniu moda, design, religião e cultura afro-brasileira, com uma abordagem crítica sobre racismo religioso e apropriação cultural. “Para além da questão racial e cultural, houve um olhar profundo também sobre as estruturas sociopolíticas e raciais da cidade, porque está entrelaçado com a temática. É impossível falar de Candomblé e não falar sobre isso”, afirma Anna Luíza.

Para a bolsista, compreender o contexto histórico e simbólico das vestes é essencial para que lugares e celebrações, como o Carnaval, sejam ambientes de homenagem e não de distorção do sagrado. O projeto reafirma que o axó é um elemento de fé, memória e resistência, estabelecendo que o olhar sobre ele deve ser guiado pela escuta, pelo respeito e pela valorização das tradições afro-brasileiras.

Alice Oliveira

MEU AXÓ NÃO É SUA FANTASIA: UMA DISRUPÇÃO SOBRE O TRAJE DAS YABÁS

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Anna Luíza de Souza Guimarães *Bacharelado em Design*

Orientadora Professora Débora Pinguello Morgado

A CELEBRAÇÃO DA NEGRITUDE POR MEIO DA MÚSICA



Coral Àkórín no FestivAice, no Mercado Municipal

Com o objetivo de celebrar a cultura afro-brasileira e fortalecer a representatividade negra no cenário artístico, o projeto *Àkórín: Coral Negro* surgiu no curso de Música da UFJF, a partir de uma parceria entre a bolsista Arlana Dias, o orientador Marcus Medeiros e Rick Guilhem, diretor da Associação Cultural Bloco Afro Ìlù Àṣẹ Muvuka. O coral reúne pessoas pretas e pardas em torno da música, promovendo inclusão social, empoderamento e a valorização da herança cultural africana no Brasil.

O grupo foi formado a partir de audições abertas, nas quais os participantes foram selecionados por suas habilidades vocais e pelo compromisso com a proposta cultural do projeto. Desde então, o coral se



Regente Arlana Dias com o Coral Àkórín no 22º Feijão de Ogun

reúne semanalmente para ensaios que desenvolvem técnica vocal, harmonia, ritmo e interpretação musical. O repertório mistura ritmos afro-brasileiros tradicionais, como samba, maracatu, jongo e afoxé, com composições contemporâneas que dialogam com a identidade negra e a resistência cultural.

Além das apresentações em teatros, escolas e centros culturais, a equipe também promove palestras sobre a importância da cultura afro-brasileira, reforçando o papel da arte como ferramenta de educação e transformação social. Durante o primeiro ano de atividades, o projeto alcançou um público estimado em mil pessoas e consolidou parcerias com instituições educacionais, ampliando o alcance de suas ações.



O projeto visa a valorização do canto coral de ritmos focados na ancestralidade negra

“O Àkórín teve bastante impacto na comunidade externa, sendo visível no acolhimento de integrantes e na representatividade que trazemos nos locais onde nos apresentamos. A nossa cidade tem vários corais, mas nenhum que conheço tem esse viés da cultura preta, da salvaguarda das afromineiridades e, inclusive, é extremamente raro uma regente mulher e preta. Então, a comunidade ver e participar de um projeto assim é algo muito significante”, comemora Arlana, que atua como regente do coro.



Coral Àkórín em apresentação do Novembro Negro, no Museu Mariano Procópio

Os resultados vão além da música. A participação no coral tem proporcionado aos integrantes uma vivência artística completa, com ganhos técnicos e pessoais. O trabalho com respiração, postura e projeção vocal, por exemplo, tem melhorado o desempenho dos coralistas não apenas nas apresentações, mas também em suas atividades cotidianas. “O projeto tem sido uma grande escola para mim. Através do estudo para as escolhas das músicas, conheço e transmito ainda mais a história do povo preto. Durante os momentos de regência e canto, movimento toda uma parte de coordenação motora e desenvolvimento de habilidades cognitivas, além do fortalecimento de aspectos sociais e emocionais

que ocorrem nos nossos encontros em ensaios e apresentações. Tudo isso contribui para minha vida pessoal e acadêmica”, reconhece a estudante.

O Àkórín se destaca como um espaço de convivência, resistência e valorização da identidade negra, onde diferentes vozes se unem para reafirmar a força da cultura afro-brasileira. Mais do que um coral, o projeto se tornou um símbolo de inclusão e de diálogo, levando para diferentes pessoas e lugares uma mensagem de pluralidade, força e expressão cultural.

Alice Oliveira

ÀKÓRIN: CORAL NEGRO

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Arlana Vitória Dias Viana *Bacharelado em Música – Canto*

Orientador Professor Marcus Vinícius Medeiros Pereira

A MÚSICA COMO FORMAÇÃO E INTEGRAÇÃO COM A COMUNIDADE



O projeto levou concertos a diversos espaços da Universidade, como o Mamm, que foi palco de diversas apresentações

A cada performance, o som dos instrumentos preenche corredores, auditórios e pátios da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mais do que uma série de eventos, o projeto *Concertos na UFJF* se tornou um elo entre a instituição e a comunidade, aproximando públicos, estilos e gerações a partir da arte.

O projeto *Concertos na UFJF* tem como objetivo fomentar a prática musical e ampliar o uso dos espaços culturais da Universidade por meio de apresentações regulares. Os concertos reúnem estudantes, professores e técnicos dos cursos de Música, combinando diferentes formações instrumentais e vocais em eventos abertos ao público.

De acordo com o bolsista Leonardo Gavinho, a proposta tem impacto direto na vida cultural da cidade ao oferecer repertórios musicais de qualidade e apresentações gratuitas para a comunidade. Além de contribuir para

o acesso à arte, o projeto cria oportunidades para que os alunos desenvolvam a prática da performance em público, etapa essencial na formação de qualquer músico.

A receptividade tem sido um dos pontos altos da iniciativa. Segundo o bolsista, a cada concerto o interesse do público cresce. Nos bastidores, o projeto também revela uma experiência de aprendizado prático. O discente atua em diversas frentes: na organização dos recitais, na produção dos materiais de divulgação, no acompanhamento das apresentações e na gestão dos registros dos eventos.

Gavinho destaca que a etapa mais desafiadora é a gestão das pessoas envolvidas no processo, visando garantir que todas as demandas sejam atendidas para que o evento ocorra sem imprevistos. Essa vivência tem sido fundamental para seu desenvolvimento artístico e pessoal.



Registro do terceiro concerto do projeto, realizado no Museu de Arte Murilo Mendes

Os concertos se destacam pela diversidade do repertório, que vai de composições eruditas a temas populares de filmes, jogos e séries. Essa mistura amplia o alcance do projeto e cria pontes entre diferentes públicos. “Nem sempre os espectadores estão habituados ao repertório erudito. Por isso, sugerimos incluir músicas ligadas à cultura pop, o que aproxima a plateia e torna a experiência mais acessível”, conta.

O projeto também funciona como uma vitrine para os músicos da Universidade, despertando o interesse de novos artistas e fortalecendo o cenário cultural local. Ao ver as performances dos estudantes, a plateia se aproxima do universo musical e reconhece a relevância da produção artística da UFJF.

Um dos momentos mais marcantes, segundo o bolsista, foi o *Concerto de Natal*, realizado em dezembro de 2024. A apresentação reuniu mais de dez músicos, trouxe um repertório temático e lotou o Museu de Arte Murilo Mendes. “Foi uma experiência muito gratificante. Ver o público engajado e os músicos se divertindo mostrou o verdadeiro alcance do projeto”, relembra.

Com sua programação regular e abertura à comunidade, o *Concertos na UFJF* reafirma o papel da instituição como agente de transformação cultural. O projeto não apenas forma artistas, mas também fortalece a produção local e estimula o diálogo entre universidade e sociedade, consolidando-se como uma iniciativa muito significativa no cenário musical da cidade.

Renato Ramos



Registro da 13ª apresentação do projeto, edição especial de Natal, realizada em dezembro de 2024

CONCERTOS NA UFJF

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Leonardo Gavinho de Azevedo *Licenciatura em Música*

Orientador Professor Fernando Vago Santana

QUANDO A UNIVERSIDADE VIRA PALCO

Transformar os espaços da UFJF em palcos para a arte e a expressão foi o ponto de partida do projeto *Agora na Ágora*, uma iniciativa que vem ressignificando a ocupação cultural dentro da Universidade. Com apresentações mensais abertas à comunidade, o projeto convida estudantes, servidores e artistas locais a vivenciarem a arte de forma próxima, viva e acessível.



Alunos do curso de RTVI realizam apresentação em uma das primeiras edições do Agora na Ágora

A iniciativa nasceu com o propósito de levar música, poesia e performances para o público universitário e a população em geral, ao mesmo tempo em que forma estudantes na prática da produção cultural e audiovisual. Os eventos, realizados na ágora da Reitoria, no campus, reúnem desde saraus e apresentações musicais dos próprios alunos até convidados da cena artística juiz-forana.



Os bolsistas contam com orientações do professor Cristiano Rodrigues, responsável pela Diretoria de Imagem Institucional da UFJF



O projeto possibilita um ambiente de vivência cultural, aproximando a comunidade acadêmica e fortalecendo a produção artística local

Além das apresentações ao vivo, o projeto investe na captação audiovisual das performances, transformando cada edição em material de divulgação e memória artística. Ao longo do último ano, foram produzidos um programa piloto e sete episódios finalizados, reunindo artistas da comunidade universitária e mobilizando cerca de 35 pessoas entre estudantes de Comunicação, profissionais da Diretoria de Imagem Institucional e equipes dos músicos.



Bolsistas do projeto atuam em todos os processos de produção das apresentações musicais, além da comunicação e divulgação

Mais do que promover a arte, o *Agora na Ágora* tem sido um espaço de formação. Para Ana Luisa de Almeida Nascimento, bolsista do projeto, a experiência marcou o início de uma trajetória dentro da Universidade: “Pude ter experiência na produção de eventos musicais,



O Agora na Ágora é um espaço onde os estudantes da Universidade podem mostrar seus talentos

entrando em contato com artistas e com a imprensa, além de desenvolver afinidade pela cinegrafia. Essa vivência me permitiu conhecer a dinâmica de projetos acadêmicos e ampliar meus interesses dentro do Jornalismo”.

A atuação dos bolsistas abrange desde o planejamento das gravações e a identidade visual do projeto até o contato direto com equipamentos e artistas. Essa vivência múltipla faz com que o aprendizado vá muito além da sala de aula. Como destaca João Pedro Martins Pires, também integrante do projeto, o *Agora na Ágora* contribui para a formação estudantil em todas as suas instâncias de produção, preparando os alunos para desafios reais de planejamento, gravação e difusão cultural.

O impacto se estende ainda ao público, que encontra na ágora um espaço democrático de encontro com a música e a arte local. Ao unir prática, formação e acesso, o projeto reafirma o papel da UFJF como um território vivo de cultura, onde a arte se faz presente, cotidiana e transformadora.

Décio Luiz Lima

AGORA NA ÁGORA

Modalidade Grupos Artísticos . **Bolsistas** Ana Luisa de Almeida Nascimento *Jornalismo*; João Pedro Martins Pires *Design*

Orientador Professor Cristiano José Rodrigues

ORQUESTRA ACADÊMICA DA UFJF: MÚSICA QUE CONECTA



Com nove apresentações no período de um ano, o projeto ampliou o acesso da comunidade à música sinfônica

O projeto *Orquestra Acadêmica da UFJF*, vinculado ao Laboratório de Grupos Musicais do Instituto de Artes e Design (IAD/UFJF), tem como propósito unir formação técnico-musical e extensão universitária. Sob a orientação da professora Raquel Rohr e coorientação do professor Eliézer Isidoro, a iniciativa promove uma experiência completa de prática orquestral para estudantes e músicos da comunidade, aproximando o ambiente acadêmico da realidade profissional.

Ao longo desta edição do Pibiart, a Orquestra realizou nove apresentações públicas, alcançando cerca de 2.100 pessoas com um repertório diversificado, que incluiu obras brasileiras, latino-americanas e internacionais. O grupo oferece uma vivência de orquestra real aos alunos dos cursos de Música da UFJF.

O bolsista Gustavo Calazans Cosso conta que conheceu a Orquestra ao cursar a disciplina ligada ao projeto. “Ela é ao mesmo tempo um projeto de extensão e uma disciplina. Entrei primeiro como aluno e foi meu primeiro contato com a orquestra. Desde o início, me impressionou o formato profissional e a seriedade com que o trabalho é conduzido”, relata.



A regência conduziu ensaios e concertos que consolidaram a preparação dos músicos para a atuação profissional



A prática orquestral integrou a formação dos discentes, unindo aperfeiçoamento técnico e experiência coletiva de performance

Para Cosso, a experiência é valiosa por unir aprendizado técnico e prática artística em um ambiente de alto nível. “É uma orquestra que trabalha repertórios complexos e exige interpretação refinada. A dinâmica é muito próxima de uma orquestra profissional, com hierarquia entre músicos, ensaios intensos e atenção aos detalhes. Isso é essencial para a formação de qualquer instrumentista”.

Os ensaios acontecem regularmente, com encontros fixos durante a semana e ajustes conforme o repertório e as demandas de cada concerto. Mais do que aprimorar a técnica, o projeto também fortalece a convivência e a coletividade. “Dentro de uma orquestra, cada músico tem um papel crucial. Se um não está confiante ou

preparado, o desempenho do grupo todo é afetado. É como um organismo: tudo precisa estar em harmonia para funcionar bem”, conta o bolsista.

A Orquestra Acadêmica da UFJF também desempenha um importante papel sociocultural, ao levar a música erudita à comunidade e ampliar o acesso a esse tipo de expressão artística. “A Universidade tem um papel crucial no desenvolvimento social e cultural. Ela leva concertos para fora dos seus muros e permite que pessoas que talvez nunca tenham tido contato com esse tipo de música possam vivenciar isso. É um direito e um acesso que todos devem ter”, afirma. Além do projeto ser um lugar de aprendizado e amadurecimento, ele contribui para a formação de músicos preparados para o mercado, dentro e fora do país.

Manuella Abreu



A Orquestra Acadêmica da UFJF também marca presença com sua equipe participando de óperas

ORQUESTRA ACADÊMICA DA UFJF

Modalidade Grupos Artísticos . **Bolsistas** Gustavo Calazans Cosso *Bacharelado em Música - Habilitação em Violino*; Luisa Freire Campos *Bacharelado em Música - Habilitação em Flauta Transversal*

Orientadores Professores Raquel Almeida Rohr de Oliveira Isidoro e Eliézer Anderson Batista Isidoro

VOZES EM FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO MUSICAL



O projeto tem como objetivo promover, estimular e facilitar o acesso à música coral de concerto

O projeto *Coro Acadêmico da UFJF*, orientado pelo professor Willsterman Sottani Coelho, é uma iniciativa de ensino, pesquisa, extensão e cultura desenvolvida no Departamento de Música da Universidade Federal de Juiz de Fora. Seu principal objetivo é promover, estimular e facilitar o acesso à música coral de concerto, especialmente para pessoas que não têm esse tipo de vivência artística em seu cotidiano.

Durante o último ano de atividades, o Coro realizou três apresentações, alcançando um público estimado de 1.500 pessoas. Entre os destaques estão o concerto “Compositores Brasileiros”, no Cine-Theatro Central, e o “Encontro de Corais da Paróquia São Mateus”, ambos sob a regência do professor Victor Cassemiro,

que assumiu temporariamente o grupo durante o afastamento do orientador.

Com o retorno do professor Sottani Coelho em março de 2025, o projeto passou por uma nova fase de reconstrução, marcada por desafios e pela entrada de novos integrantes. A heterogeneidade do grupo exigiu um trabalho voltado para a formação técnica e o fortalecimento da escuta musical, com foco em exercícios de leitura e repertórios variados, criando uma base sólida para os participantes.

A bolsista Gabriela Mara Braga de Almeida, estudante de Licenciatura em Música, descreve a experiência como um processo de grande aprendizado e



O grupo é composto por vocalistas de diferentes faixas etárias, o que o torna bastante heterogêneo e diverso

amadurecimento. “Conseguí melhorar muito minhas habilidades de leitura e escrita musical e, aos poucos, fui enfrentando o medo de cantar em público. Cada pequeno passo foi importante para eu me sentir mais segura e confiante”, conta a estudante.

de arquivos em vozes separadas, nos formatos MIDI e MP3, que serviram de apoio aos coralistas com menor familiaridade com a leitura musical. Este trabalho foi essencial para o desenvolvimento coletivo e para a continuidade do projeto durante o período de transição.

Além de sua participação nos ensaios, Gabriela também colaborou com a transcrição de partituras e a produção

Manuella Abreu



Na última edição do Pibiart, o Coro realizou três apresentações, alcançando um público estimado de 1.500 pessoas

CORO ACADÊMICO DA UFJF

Modalidade Grupos Artísticos . **Bolsista** Gabriela Mara Braga de Almeida *Licenciatura em Música*

Orientador Professor Willsterman Sottani Coelho

TEORIA E PRÁTICA SE UNEM E PROPORCIONAM ENSINO DE MÚSICA NO COLÉGIO JOÃO XXIII



Alunos do Colégio de Aplicação João XXIII em apresentação no palco do Cine-Theatro Central

Em parceria, a Escola de Artes Pró-Música (UFJF) e o Programa de Extensão Arte em Trânsito (UFJF) realizam o projeto *Oficina de cordas: atuando no ensino coletivo de cordas friccionadas no Colégio de Aplicação João XXIII*. As oficinas ocorrem duas vezes na semana para alunos e comunidade externa, com ensino coletivo de violino e violoncelo. O projeto conta com lista de espera e é bem recebido pelos pais e pela comunidade escolar. Esse ensino possibilita novas experiências para os alunos, como em 2024, quando se apresentaram no palco do Cine-Theatro Central. Segundo os responsáveis pelo projeto, a expectativa é de continuidade, incluindo novas apresentações públicas.

Além dos participantes da oficina, a iniciativa também proporciona aprendizado aos bolsistas que passam pelo programa, que abrange o curso de Licenciatura em Música, auxiliando na formação de novos professores. “A troca com os alunos contribuiu para entender como o conteúdo didático chega de forma efetiva para eles, sempre observando e levando em consideração a vivência de cada um, além do espaço escolar”, afirma Lizandra Romano, bolsista do projeto.

A metodologia do projeto se baseia no ensino coletivo, o que permite uma interação social entre os alunos. As aulas trabalham ritmo, com exercícios como “trenzinho



Aula do projeto no Colégio de Aplicação João XXIII, ministrada pela bolsista Lizandra Romano

rápido”, postura, pegada do arco e elementos musicais, e, ao longo do ano, novos elementos são adicionados. Dessa forma, essa junção resulta no espetáculo de fim de ano no Cine Theatro-Central. Segundo a bolsista, essa apresentação também conta com alunos de vários projetos, como Musicalização Infantil, Academia de Música da Escola de Artes Pró-Música e Orquestra Pró-Música. “A ideia é trazer a experiência de palco para todos, independentemente de seu nível musical”, explica.

Outro ponto que se destaca é como a oficina amplia o acesso da população a instrumentos de cordas friccionadas. “Essa experiência gera um grande impacto para a comunidade escolar, uma vez que são instrumentos geralmente afastados da grande massa e considerados elitistas. Dessa forma, a oficina consegue deixar esses instrumentos acessíveis a estudantes de qualquer classe social ou idade, alunos estes que nunca tinham visto os instrumentos de perto ou sequer conheciam o nome”, afirma Lizandra.



O ensino coletivo de cordas friccionadas proporciona interação social entre os alunos

Helena Levate

OFICINA DE CORDAS: ATUANDO NO ENSINO COLETIVO DE CORDAS FRICCIONADAS

Modalidade Mediação Artística Música . **Bolsista** Lizandra Regina Campisse Romano *Licenciatura em Música*
Orientador Professor Pedro Augusto Dutra de Oliveira

ACADEMIA DE MÚSICA: TALENTO, PRÁTICA E COMUNIDADE

A cada nova aula na Escola de Artes Pró-Música da UFJF, sons de violão, piano, violino e canto coral preenchem o ambiente, transformando o aprendizado em uma experiência coletiva que integra estudantes, famílias e a comunidade. O projeto *Academia de Música* oferece a crianças, adolescentes, jovens e adultos com conhecimento prévio a oportunidade de aprimorar habilidades técnicas, artísticas e expressivas de forma integrada, promovendo um ensino de alta qualidade e preparando músicos para universidades, orquestras e grupos nacionais e internacionais.

O projeto tem como foco o ensino coletivo, a troca de experiências e o desenvolvimento da autonomia dos alunos. A participação em apresentações semestrais, abertas a familiares e à comunidade, contribui para valorizar o progresso dos estudantes e criar um vínculo mais próximo entre a escola e o público. A experiência também estimula habilidades socioemocionais, como disciplina, cooperação e criatividade, essenciais para a formação de músicos completos.

Para os bolsistas, o projeto representa uma vivência prática essencial na formação docente. Adan Lucas



Pequenos músicos dando seus primeiros passos na flauta doce



Alunas sendo apresentadas ao violoncelo

Pacheco destaca a aprendizagem sobre a relação humana com os alunos e a adaptação de estratégias pedagógicas ao ensino coletivo. Adjane Cristina de Oliveira ressalta como o contato com turmas heterogêneas possibilitou aprimorar o planejamento e diversificar metodologias de ensino.

Beatriz Bramusse Cezar enfatiza o desenvolvimento de abordagens lúdicas e criativas, utilizando jogos e exercícios que estimulam a musicalidade e a expressividade. Gustavo Gonçalves do Carmo destaca a oportunidade de vivenciar a docência na prática, lidando com diferentes faixas etárias e necessidades individuais, enquanto Carine Maria Ferreira valoriza o crescimento pessoal e musical, aprimorando sua capacidade de conduzir aulas humanizadas e sensíveis às particularidades de cada estudante.



Crianças aprendendo sobre o violino e os fundamentos da música

O projeto beneficiou cerca de 80 estudantes, que participaram de aulas coletivas de instrumentos, canto e teoria musical, além da prática em conjunto. Observou-se engajamento significativo não apenas dos alunos, mas também de seus responsáveis, que passaram a acompanhar de forma mais ativa o cotidiano escolar e as apresentações realizadas. A metodologia adotada mostrou-se eficaz ao promover uma educação musical centrada na experiência compartilhada e no desenvolvimento integral do estudante.

As atividades dos bolsistas incluíram planejamento coletivo e individual das aulas, participação em reuniões pedagógicas, capacitações, elaboração de relatórios semestrais, oferecimento de aulas semanais e organização de apresentações públicas. Essa rotina contribuiu diretamente para a formação profissional

ACADEMIA DE MÚSICA

Modalidade Mediação Artística - Música . **Bolsistas** Adan Lucas Gomes Pacheco, Adjane Cristina de Oliveira, Gustavo Gonçalves do Carmo *Licenciatura em Música*; Beatriz Bramusse Cezar, Carine Maria Ferreira *Bacharelado em Música*
Orientadora Professora Mariana Galon da Silva

dos graduandos, aproximando-os da prática docente real e permitindo o desenvolvimento de habilidades pedagógicas, musicais e interpessoais essenciais.

Com apresentações públicas anuais, aulas diversificadas e metodologias que valorizam a música como experiência coletiva, a Academia de Música reafirma seu papel na democratização do acesso à educação musical. O projeto não apenas forma músicos qualificados, mas também fortalece os laços entre universidade, alunos, famílias e comunidade, consolidando-se como uma iniciativa de impacto cultural e social em Juiz de Fora.

Renato Ramos



Turma de violino e violoncelo durante aula na Escola de Artes Pró-Música

O TRABALHO EM EQUIPE QUE DÁ FORMA AO CORAL DA UFJF



O recital “Construção” revisitou todas as fases artísticas de Chico Buarque, tecendo um panorama geral de sua carreira

Com o recital intitulado “Construção”, o Coral da UFJF homenageou Chico Buarque e alcançou a comunidade acadêmica e a cidade de Juiz de Fora. Para esse e outros eventos acontecerem, existe uma equipe multidisciplinar por trás do funcionamento do grupo, que são os participantes do projeto Apoio às atividades do Coral da UFJF, que, no último ano, contou com bolsistas de diversos cursos, como Moda, Música, Arquitetura e Urbanismo, História e Cinema e Audiovisual. Essa diversidade reflete em apresentações mais elaboradas e, como resposta, o público aumenta a cada ano. Em 2024, o recital contou com mais de mil espectadores em dois dias.

Além do objetivo de valorizar a música e integrar culturalmente a comunidade, o Coral permite experiências diversas aos bolsistas: “no curso de moda não existem disciplinas voltadas para exercer a função de figurinista, e o contato com o coro e seus espetáculos proporcionaram uma oportunidade de aprofundamento nos conhecimentos adquiridos ao longo do curso, como modelagem, costura e a concepção do conceito de um figurino”, afirma Bárbara Silva, estudante de Moda da UFJF.

Outro ponto central é o espetáculo anual do Coral, que já no começo do ano tem toda a sua preparação definida, com a escolha de roteiro, cenário, datas e outros detalhes. Segundo a participante do projeto e estudante de Arquitetura e Urbanismo, Heloísa Machado, esse é o momento mais aguardado: “a partir daí, vamos ensaiando as músicas e iniciamos os ensaios



Apresentação do Coral na abertura da 14ª Parada do Orgulho LGBT+ de Juiz de Fora



O Coral da UFJF é resultado de um trabalho em equipe, que promove aprendizado multidisciplinar ao longo de todo o ano

cênicos na metade do ano, e, faltando cerca de dois meses para o espetáculo, iniciamos as divulgações no perfil oficial do Coral no Instagram e em outras mídias (jornais, sites, banners, entre outros). Posso dizer que o início da divulgação é um dos momentos mais empolgantes, pois gera toda uma expectativa em todos e conseguimos sentir essa energia, que é maravilhosa”.

Em novembro de 2024, o espetáculo “Construção” realizou uma releitura da obra de Chico Buarque e trouxe para o palco o resultado do trabalho em equipe ao longo do ano. O cenário da apresentação contava

com andaimes, tapumes e operários, em referência à música e ao álbum do artista. “A escolha de Chico Buarque como tema do espetáculo foi feita porque, em 2024, ele completou 80 anos de vida e (quase) 60 anos de carreira. As músicas foram selecionadas de forma a tecer uma narrativa para o espetáculo que fizesse sentido e de forma a apresentar as músicas/álbuns principais da carreira do cantor e compositor”, afirma Heloísa.

Helena Levate

APOIO ÀS ATIVIDADES DO CORAL DA UFJF

Modalidade Mediação Artística - Música . **Bolsistas** Bárbara Silva Nascimento e Maria Clara Medeiros da Costa Moda; Caiho Fernandes Carrara Ferreira Bacharelado em Música; Heloísa de Paiva Macedo Machado Arquitetura e Urbanismo; Isabel Vitória de Oliveira Azambuja Vargas Licenciatura em História; Júlia Nascimento Salles Bacharelado em Música – Canto; Wilma Aparecida Machado Barbosa Bacharelado em Cinema e Audiovisual

Orientador Otávio Joarez de Abreu Bittencourt

CORAL E ORQUESTRA PRÓ-MÚSICA AMPLIAM PRESENÇA E CONSOLIDAM IMPACTO CULTURAL



Apresentação do Coral Pró-Música no Independência Shopping

Com uma agenda intensa ao longo do último ano, o Coral e a Orquestra Sinfônica Pró-Música se destacaram pela diversidade de apresentações e pelo alcance junto à comunidade. Entre setembro de 2024 e agosto de 2025, foram realizadas 29 apresentações gratuitas em teatros, igrejas, escolas, shoppings e espaços comunitários. A variedade de locais reforçou o compromisso do projeto com a democratização do acesso à música coral e orquestral, aproximando novos públicos e fortalecendo a presença da Universidade na vida cultural da cidade.

O trabalho tem à frente o maestro Victor Cassemiro e é sustentado por ensaios semanais no Teatro Pró-Música, sede dos grupos. Nesses encontros, os bolsistas têm a oportunidade de aprofundar o estudo técnico, experimentar repertórios variados e vivenciar a prática coletiva da música. O processo formativo é parte

fundamental da proposta, já que alia rigor artístico a um ambiente de trocas constantes entre regente, estudantes e músicos convidados.

A rotina de ensaios e apresentações também estimula o amadurecimento profissional dos bolsistas. A convivência com diferentes formações instrumentais e vocais amplia o repertório dos participantes e estimula o desenvolvimento de habilidades como trabalho em equipe, disciplina e sensibilidade artística. Ao mesmo tempo, a troca entre alunos de diferentes cursos reforça o caráter interdisciplinar do projeto, que articula música, educação e cultura de forma integrada.

Para os participantes do programa, a experiência vai além do palco. O bolsista Lucas Ventura Fajoses destaca como a vivência transformou sua formação acadêmica e pessoal. “O projeto contribuiu de maneira



O grupo também realiza diversos concertos em igrejas, como a Igreja São Mateus, em Juiz de Fora

plural e única em minha formação estudantil. Estar inserido em espaços de aprendizagem que valorizam o desenvolvimento artístico e as trocas autênticas de experiências foi muito enriquecedor. Poder aliar os ensinamentos da psicologia com a prática da música como instrumento de expressão e resistência cultural me auxiliou na compreensão de que áreas como a musicoterapia podem gerar impactos positivos tanto coletivos quanto individuais”.



Sob a batuta do maestro Victor Cassemiro, o Coral conta com integrantes de faixas etárias variadas

O alcance sociocultural do projeto também se reflete na educação musical de crianças e jovens, especialmente por meio das apresentações realizadas em escolas e em espaços de convivência comunitária. Esses concertos contribuíram para a formação de novos públicos, despertando o interesse pela música e oferecendo vivências que dificilmente fariam parte da rotina dos estudantes fora desse contexto. Em cada apresentação, é possível perceber o envolvimento do público e o papel que a música desempenha na criação de experiências compartilhadas e acessíveis.

Além de fortalecer a vida cultural da cidade, a proposta reafirma o compromisso da Universidade com a extensão e com a formação cidadã. O projeto consolida uma rede de diálogo entre artistas, estudantes e comunidade, valorizando a música como expressão coletiva e instrumento de transformação social.



Orquestra Pró-Música se apresentando no shopping Jardim Norte

A temporada exaltou o papel do Coral e da Orquestra como protagonistas da vida artística local. Ao promover apresentações gratuitas e de qualidade, o projeto reafirmou sua relevância cultural e educativa, consolidando-se como um espaço que une formação, criação e impacto social duradouro.

Décio Luiz Lima

CORAL E ORQUESTRA PRÓ-MÚSICA

Modalidade Mediação Artística - Música . **Bolsistas** Lucas Ventura Fajoses Gonçalves *Psicologia*; Luan da Costa Ferreira *Licenciatura em Música*; Deivid de Paiva Fonseca *Bacharelado em Música*; Miguel Daliano Guida *Licenciatura em Música*; Suzany Pinheiro Vianna *Bacharelado em Música*; Alex Sandre Silva Oliveira Júnior *Ciências Exatas*

Orientadora Professora Mariana Galon da Silva

OS PRIMEIROS ACORDES DE UMA FORMAÇÃO HUMANA



O projeto segue como uma porta de entrada para que crianças experimentem a música de forma afetiva e organizada

Quando a música entra no cotidiano das crianças, algo muda: não só o repertório sonoro se amplia, mas novas formas de olhar, brincar e aprender aparecem. O projeto *Musicalização Infantil* aposta em aulas lúdicas e estruturadas que oferecem às crianças os primeiros contatos organizados com ritmo, timbre e melodia, ao mesmo tempo em que criam um espaço formativo para os bolsistas envolvidos.

As atividades são planejadas para despertar a expressão espontânea e guiar a percepção sonora dos pequenos. Mais do que ensinar conceitos musicais como ritmo, altura, intensidade e duração, as aulas estimulam coordenação motora, criatividade, escuta coletiva e trabalho em equipe. Esse conjunto de competências cria um alicerce: crianças que hoje reconhecem sons e ritmos poderão, no futuro, ter mais facilidade caso decidam aprender um instrumento.

Os resultados registrados ao longo do ano confirmam avanços evidentes, como aumento da percepção

musical, maior espontaneidade criativa das crianças e um repertório sonoro mais amplo. A rotina de planejamento e a confecção de materiais pedagógicos contribuíram para a coerência das atividades e para a manutenção de recursos didáticos adaptados às diferentes faixas etárias. Além disso, ajustes na gestão do tempo e na organização dos espaços garantiram aulas mais fluidas e produtivas.

Para os bolsistas, o projeto funciona como laboratório, pois articulam teoria e prática, aprendem a planejar sequências didáticas, avaliar progressos e adaptar estratégias pedagógicas. O trabalho exige desenvolvimento de competências profissionais como comunicação, responsabilidade com prazos e trabalho coletivo, além de fomentar a construção de uma identidade docente pautada pela reflexão contínua com a orientadora. Em síntese, a experiência prepara



As atividades são planejadas para despertar a expressão espontânea e guiar a percepção sonora



Ao oferecer atividades gratuitas e de qualidade para as famílias, o projeto amplia o acesso à cultura

estudantes para atuar com sensibilidade e técnica em contextos reais de ensino musical.

A bolsista Luísa Cunha Bonin entende que a música é uma forma de expressão artística, social e cultural, sendo parte integral em uma sociedade. “Por isso



Momento de aprendizagem prática com as crianças tocando instrumento de percussão

deve ser atendida por projetos de políticas públicas e ambientada em todas as escolas, para que tenham espaço as vivências dos alunos e para que esses sejam inseridos no meio sociocultural”, defende.

No plano sociocultural, o alcance vai além das salas de aula. O projeto amplia o acesso à cultura oferecendo atividades gratuitas e de qualidade para famílias que, muitas vezes, têm esse contato musical como novidade. A participação dessas famílias e a visibilidade das práticas fortalecem vínculos entre universidade e comunidade, ressaltando o papel da instituição pública como agente de inclusão cultural. As vivências coletivas promovem valores como cooperação, respeito e escuta, ingredientes fundamentais para a formação integral das crianças.



Um dos exercícios do projeto que estimulam as habilidades das crianças

O projeto de Musicalização Infantil segue como uma das principais portas de entrada para que crianças experimentem a música de forma afetiva e organizada, sendo, simultaneamente, um espaço de formação em que futuros educadores testam e ampliam suas práticas. Ao manter essa ponte entre a Universidade e a comunidade, a iniciativa não apenas forma músicos e educadores, mas planta hábitos culturais que reverberam na convivência, na criatividade e na autoestima das famílias atendidas.

Décio Luiz Lima

MUSICALIZAÇÃO INFANTIL

Modalidade Mediação Artística - Música . **Bolsistas** Maria Eduarda Cruz da Silva; Luísa Cunha Bonin; Vitória Cristiny Antunes de Melo; Vitor Anderson Taxa; Jeann Gomes Cavallari Júnior; Davi de Souza Alves *Licenciatura em Música*
Orientadora Professora Luana Roberta Oliveira de Medeiros Pereira

TUBARÕES INCOMPREENDIDOS E MUNDOS QUE NÃO ACOLHEM: A METÁFORA VIVA DE “ALTEIA”



Estudo de design da personagem Alteia, a garota tubarão protagonista da história

Autor do projeto *História em quadrinhos: alegorias políticas através da arte*, Júpiter Ribeiro de Salles Grossi Lemes concluiu a produção da HQ “Alteia”, composta por 20 páginas — 19 em preto e branco e uma colorida —, além da capa, artes conceituais, designs de personagem e roteiro. Ao longo do desenvolvimento, diversas versões foram descartadas, incluindo páginas inteiras e designs incompletos, devido às mudanças radicais no projeto. Mesmo assim, ele afirma ter alcançado seus principais objetivos: “utilizar elementos visuais alegóricos, trazer uma visão e debate político sobre bullying relacionado a pessoas autistas e representatividade”.

“Alteia” apresenta a experiência de uma criança autista em um mundo que não a acolhe, explorando como o bullying afeta tanto a protagonista quanto seus amigos. A história discute, ainda, a hipótese de que pessoas autistas, quando possuem habilidades de comunicação mais desenvolvidas, também possam assumir o papel de opressoras.

A criação da HQ representou uma mudança significativa na trajetória acadêmica de Grossi: “Elevei meus conhecimentos e coloquei em prática aquilo que aprendi ao longo do curso”. Sempre interessado na criação de narrativas e personagens, o bolsista desenvolveu um estilo próprio e descobriu, na prática, as dificuldades de criar uma história em quadrinhos sozinho, aprendendo técnicas novas e métodos de criação diferentes uns dos outros, até encontrar seu próprio estilo.

O estudante destaca que a obra é profundamente pessoal: “Como autista, quis trazer essa visão pessoal, colocando experiências extremamente pessoais minhas



Designs prontos dos personagens da história em quadrinhos “Alteia”



Versão final da capa da HQ Alteia

e de amigos”. Os personagens são animais por questões simbólicas e por facilitarem a identificação através de seus arquétipos. Sobre a escolha da protagonista, ele explica: “Alteia é uma garota tubarão, e isso não foi escolhido aleatoriamente. Tubarões são animais muito amados pela comunidade autista e mal interpretados pelo público geral”. Lorna, outra garota tubarão, inicia a narrativa ao lado de Alteia, e a separação entre elas decorre das diferenças de habilidades sociais e de compreensão de regras ocultas.

Durante a elaboração da HQ, Grossi realizou diversas etapas, como leitura de material de pesquisa, estudo de histórias em quadrinhos e *webcomics*, estudo de design de personagens, exploração de criação de mundos fantasiosos e representatividade, criação de artes conceituais e do universo da obra, escrita do roteiro e ilustração das páginas.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS: ALEGORIAS POLÍTICAS ATRAVÉS DA ARTE

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Júpiter Ribeiro de Salles Grossi Lemes *Bacharelado em Artes Visuais*
Orientador Professor Luis Antônio Dourado Junior

A oficina “Criação de Mundos Fantasiosos”, conduzida pelo bolsista, foi inicialmente planejada para dois dias. No primeiro, ele abordaria conceitos e elementos do gênero fantasia; no segundo, discutiria problemáticas relacionadas ao uso inadequado de alegorias. Um dos exemplos trabalhados foi o dos elfos domésticos presentes na saga “Harry Potter”, cuja representação levanta questões quando comparada ao mundo real. A oficina enfrentou dificuldades, já que não houve participantes no primeiro dia, e o conteúdo precisou ser



Reflexão da protagonista após diálogo impactante com a personagem Lorna (página 18)

condensado no encontro seguinte, quando as pessoas compareceram. Apesar do imprevisto, Grossi avalia o resultado como positivo: “Felizmente, consegui passar todas as mensagens importantes e fizemos quase todos os exercícios propostos”.

Maria Eduarda Canfidelis

EXPLORANDO A CULTURA BRASILEIRA ATRAVÉS DA ARTE EM QUADRINHOS



Maid Café, cenário desenvolvido para a história em quadrinhos

Com objetivo de unir o universo da arte conceitual e o da cultura brasileira na criação de uma história autoral, o *Projeto Robson: Concept Art e cultura brasileira na construção de um quadrinho* foi desenvolvido pelo bolsista Fah Zahrah Lopes Oppermann. A narrativa acompanha Robson, um personagem excêntrico, em sua crise dos 30 anos, após ser demitido de seu emprego. Em uma cidade povoada por figuras inusitadas, ele precisa enfrentar uma trama que mistura humor, crítica social e elementos fantásticos, ambientada em um Brasil futurista e caótico, povoado por seres de outras

realidades que decidiram permanecer no país após uma tentativa de invasão frustrada durante o Carnaval.

Desde o início, o bolsista buscou construir uma narrativa que rompesse com os padrões tradicionais das histórias de ficção científica. A decisão de ambientar a trama em um Brasil futurista vem da influência de memórias da infância, quando passava os sábados assistindo a filmes ao lado da mãe. Apesar do encantamento pelo cinema, havia um incômodo constante: as grandes narrativas sempre aconteciam em cenários estrangeiros,



Bolsista apresentando o projeto durante a oficina “Design e criação de personagens”

especialmente nos Estados Unidos. Ao criar o Projeto Robson, Oppermann decidiu inverter essa lógica e colocar o Brasil como centro dos acontecimentos.

Transformar essa ideia em um projeto artístico no contexto do Pibiart exigiu não apenas planejamento, mas também abertura para experimentar metodologias acadêmicas. Com grande parte do universo narrativo já imaginado, Oppermann mergulhou no processo de concept art, ou seja, artes que visam a exploração de conceitos de personagens, objetos e cenários, experimentando referências visuais e pesquisando novos elementos. Ele relata que a experiência foi tão gratificante quanto desafiadora, especialmente por envolver uma criação pessoal em um ambiente de pesquisa: “Conforme o desenvolvimento do projeto, percebi que fazer arte é uma via de mão dupla, você não pode manter tudo dentro da sua cabeça, a comunicação é importante para que os personagens realmente ganhem vida”.

As escolhas visuais do quadrinho refletem um mosaico de influências culturais brasileiras, reunidas em uma cidade fictícia que sintetiza diferentes regiões do país. Arquiteturas históricas, arranha-céus de grandes

metrópoles, elementos do folclore e referências à arte brasileira convivem nessa paisagem inventada. Os personagens também carregam essa mistura: alguns trajam itens do cotidiano, como camisetas de time, enquanto outros dialogam com obras consagradas, como o parangolé inspirado em Hélio Oiticica. Somado a isso, o artista incorpora aspectos de sua própria vivência, explorando temas como amadurecimento e um olhar peculiar para o grotesco e o fantástico - estética que, para ele, sempre refletiu a vitalidade e a estranheza presentes no mundo à sua volta.



Robson, o personagem principal do quadrinho desenvolvido pelo bolsista

Parte essencial da iniciativa foi a realização da oficina “Design e criação de personagens”, ministrada na Escola de Artes Pró-Música. A atividade, voltada a artistas e interessados em quadrinhos, combinou teoria e prática, apresentando fundamentos do design de personagens, construção narrativa e identidade visual. Os participantes realizaram exercícios criativos baseados em referências visuais, construíram personagens autorais e compartilharam ideias em um ambiente de trocas e colaboração.

Rafaela Tempêsta

PROJETO ROBSON: CONCEPT ART E CULTURA BRASILEIRA NA CONSTRUÇÃO DE UM QUADRINHO

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Fah Zahrah Lopes Oppermann *Licenciatura em Artes Visuais*

Orientadora Professora Priscilla D. G. de Paula

ARTE URBANA E RESSIGNIFICAÇÃO DA PAISAGEM EM JUIZ DE FORA

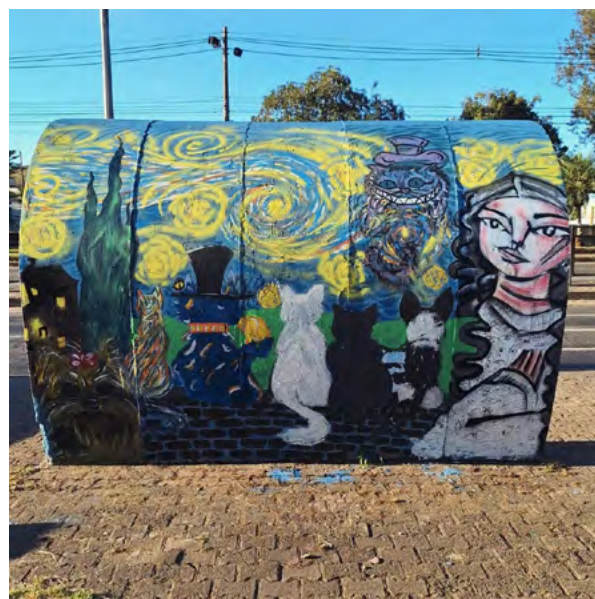


Expressão artística desenvolvida pelo bolsista

O projeto *Muros e Murais: Arte Urbana e Pertencimento Territorial*, desenvolvido pelo bolsista Hiago Guilherme do Nascimento Silva, proporcionou uma investigação sobre o poder da arte de rua para construir laços de identidade e redefinir a paisagem da cidade, com uma abordagem concentrada na Zona Norte de Juiz de Fora. A pesquisa sustentou-se na ideia de que linguagens artísticas como grafite, muralismo e estêncil ultrapassam a mera expressão estética, funcionando como práticas sociais que narram vivências, afetividades e resistências no cenário urbano. Diante das desigualdades territoriais juiz-foranas, a arte emergiu como um poderoso agente de ressignificação, capaz de converter locais historicamente negligenciados em pontos de memória viva e identidade coletiva.

A estruturação do projeto dividiu-se em três fases: fundamentações teóricas acerca do tema, realização de oficinas práticas e elaboração de trabalhos

artísticos. O bolsista ministrou duas oficinas, que envolveram as comunidades acadêmica e externa. O primeiro encontro, intitulado “Paisagens Urbanas em Perspectiva: Geografia e Arte no Espaço Urbano”, convidou os participantes a reinterpretar a cidade. A atividade iniciou-se com uma dinâmica de memória coletiva, em que os presentes compartilharam relatos de paisagens significativas de seus cotidianos, seguida de uma breve exposição teórica sobre conceitos de paisagem, espaço urbano e suas dimensões sociais. Na etapa prática, os participantes aprenderam os elementos básicos da perspectiva cônica — linha do horizonte, pontos de fuga e convergência — aplicando-os em representações gráficas de paisagens de Juiz de Fora. O resultado dessa produção promoveu um aprendizado coletivo e resultou em obras que integram arte e geografia, estimulando a reflexão sobre as dinâmicas sociais e culturais ocultas nas imagens urbanas.



Intervenção artística urbana executada pelo bolsista



Hiago Silva e participantes da oficina apresentam murais coletivos realizados durante oficina no ICH

A segunda oficina, “Grafite e Território: A Cidade como Tela e Voz”, focou em explorar o grafite como linguagem de resistência e forma de pertencimento territorial. A partir de reflexões acerca da função simbólica dos muros na cidade, o grupo debateu o movimento hip-hop e o direito à cidade, abordando as desigualdades do espaço urbano. Na parte prática, os participantes aprenderam técnicas básicas do grafite, como contorno, preenchimento e sombreamento, culminando na produção de murais coletivos em painéis e lonas. Estas obras materializaram mensagens visuais ligadas à identidade comunitária e à resistência urbana.



Apresentação durante oficina do projeto

A iniciativa não apenas fortaleceu vínculos das comunidades com seus territórios, como também contribuiu para a valorização do grafite como uma linguagem artística legítima e forma de expressão. O projeto também teve contribuições para o campo acadêmico, fomentando discussões interdisciplinares entre arte, geografia e estudos urbanos. O trabalho desenvolvido foi tema de artigos e resumos expandidos, que foram apresentados em eventos científicos como o XI Seminário do PPGEU/UFJF, o I Seminário Geopsíquico e o V Colóquio do NuGea.

Para Silva, a experiência foi marcante em sua trajetória como estudante e artista urbano. “O contato com os jovens e colegas universitários ampliou meu olhar sobre a cidade, reforçando a percepção de que o espaço urbano é resultado de práticas sociais, memórias e disputas simbólicas. Através da arte, pude perceber como o pertencimento territorial é construído cotidianamente e como intervenções simples, como um mural coletivo, podem transformar a relação das pessoas com o lugar onde vivem”, relata.

Júlia Gaspar

MUROS E MURAI: ARTE URBANA E PERTENCIMENTO TERRITORIAL

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Hiago Guilherme do Nascimento Silva *Licenciatura em Geografia*
Orientadora Professora Clarice Cassab

A VOZ DAS JUVENTUDES NA ARTE URBANA



A bolsista pontua que as batalhas de rima contribuem para a arte e resistência

A arte urbana é uma forma de expressar identidade e críticas sociais no espaço público e, para entender como os jovens utilizam essa linguagem, a estudante Milene do Valle Daflon buscou compreender as manifestações a partir do projeto *Ruas que falam: A presença das juventudes nas expressões artísticas urbanas*. Organizada em três etapas, teórica, formativa e prática, a pesquisa envolveu leituras de autores que falam sobre juventude, cidade e arte urbana.

“A ideia do projeto surgiu de um interesse que me acompanha desde muito nova, pois sempre tive afinidade com o universo juvenil. Na escola, fui coordenadora de grupo de jovens e presidente de grêmio estudantil, experiências que despertaram em mim uma curiosidade sobre o modo de ser e estar no

mundo dos jovens, especialmente sobre suas formas de se expressar e ocupar os espaços”, conta Milene.

A estudante revela que foi desafiador ser bolsista do Pibiart, assim como uma experiência que proporcionou autonomia para conduzir a pesquisa. “Quando surgiu a oportunidade do programa, senti vontade de continuar explorando esse universo e aprofundar o olhar sobre como as juventudes estão presentes nas artes urbanas. Levei a ideia à professora Clarice Cassab, que recebeu o projeto com muito entusiasmo e apoiou desde o início o desenvolvimento da pesquisa”.

De acordo com Milene, o projeto contribuiu para a valorização das expressões juvenis. A partir do acompanhamento das batalhas de rima, do *graffiti* e



Materiais utilizados pelos participantes para elaborar cartazes e colagens da oficina

do baile charme, o estudo possibilitou a legitimação dessas práticas como formas de arte e resistência, destacando suas dimensões políticas, estéticas e sociais. Essa legitimação não se restringiu ao plano discursivo, mas se materializou em ações junto à comunidade, com destaque para a oficina realizada pela bolsista, concebida como espaço de troca, escuta e criação coletiva.

A oficina teve seu início de forma leve, com os participantes se conhecendo e a bolsista introduzindo o tema de forma sensível e corporal. Após a interação, Milene conceituou expressões artísticas centrais de sua pesquisa, discutindo origens, significados, formas de organização e regras de convivência, sempre dialogando com a realidade local e estimulando os participantes por meio de perguntas e exemplos.

A partir de fotografias expostas no corredor da sala onde ocorreu a oficina, os participantes foram instigados a

responder questões sobre as fotografias, e, ao final dessa análise, compartilharam as percepções que tiveram sobre como as juventudes produzem sentidos na cidade, enfrentam as desigualdades e criam novas formas de existência no espaço urbano.

Ao final da oficina, os participantes foram divididos em grupos e receberam fragmentos de depoimentos de jovens artistas urbanos e expressaram as falas por meio de colagens, cartazes, poesias e desenhos. Cada grupo compartilhou a sua produção. “Ver o conteúdo tomando forma nas mãos e nas vozes dos participantes foi uma experiência marcante, que reforçou a potência da arte como ferramenta de leitura, expressão e intervenção no território urbano”, comenta Milene, que destaca o convite para a continuidade desse vínculo, a fim de expandir o impacto das reflexões para além dessa edição.



Milene (centro) e participantes exibindo os cartazes produzidos durante a oficina

Dar continuidade à escrita acadêmica sobre a arte urbana em Juiz de Fora é uma perspectiva apontada pela bolsista. Para ela, os materiais coletados durante o projeto são consistentes para novas análises, publicações e diálogos no espaço acadêmico, e também junto aos jovens que fazem parte do movimento hip-hop, fortalecendo a articulação entre pesquisa e prática social.

Fellipe Enzo

RUAS QUE FALAM: A PRESENÇA DAS JUVENTUDES NAS EXPRESSÕES ARTÍSTICAS URBANAS

Modalidade Projetos Artístico-Culturais . **Bolsista** Milene do Valle Daflon *Licenciatura em Ciências Sociais*

Orientadora Professora Clarice Cassab

MEMORIAL VIVO: EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO EM MOVIMENTO



Bolsista Anna Beatriz conduzindo visita mediada

O projeto *Acervos, Educação e Difusão Cultural no Memorial*, realizado no Memorial da República Presidente Itamar Franco, integrou bolsistas às rotinas dos setores do espaço, proporcionando um trabalho prático amplo e sensível ao patrimônio histórico. Os alunos atuaram em atividades de preservação, processamento técnico de documentos, organização do acervo, produção de conteúdo digital e participação direta nas ações educativas, conduzindo mediações, oficinas, visitas escolares e eventos. Essa vivência permitiu que o Memorial se consolidasse como espaço de aprendizagem, aproximação com a comunidade e valorização da memória coletiva.

Entre os resultados alcançados, destaca-se o lançamento do primeiro projeto de mediação cultural do Memorial, “Gavetas na Memória”, que ampliou o alcance das ações educativas e inaugurou uma nova forma de interação com o público. Mais de 500 estudantes, a maioria de escolas públicas da região, participaram das atividades, aprofundando discussões sobre identidade, memória e patrimônio. Paralelamente, o Memorial ampliou significativamente sua presença digital, com a produção constante de conteúdo para redes sociais e para o novo site institucional, além do aprimoramento das práticas de cuidado e preservação dos acervos.

As mediações e oficinas abertas ao público aproximaram jovens, adultos e crianças do acervo e da história nacional, estimulando reflexões críticas sobre a construção da memória. Para os estudantes, o contato direto com diferentes públicos – escolares, pesquisadores e visitantes espontâneos – ofereceu uma experiência acadêmica e humana transformadora, fortalecendo trajetórias profissionais em áreas como cultura, educação, turismo, ciências sociais, história e arquivologia.

Com ações contínuas de pesquisa, mediação, registro e divulgação, o projeto reafirma o papel do Memorial como espaço vivo de educação, preservação e difusão cultural, promovendo vínculos entre a UFJF e a sociedade e contribuindo para manter ativo um patrimônio histórico essencial ao país.

ACERVOS, EDUCAÇÃO E DIFUSÃO CULTURAL NO MEMORIAL

Modalidade Mediação Artística - Procult

Bolsistas Anna Beatriz da Conceição Santana da Silva *Bacharelado em Artes Visuais*; Francisco Dutra Ribeiro *História*; Lavínia Júlia Lucas Neves *Turismo*; Ohara Sampaio Pereira *Ciências Sociais*; Vinícius Henrique Elias *História*

Orientador Tarcísio Concolato Gregg

CINE-THEATRO CENTRAL: MEMÓRIA, PRODUÇÃO E DIFUSÃO CULTURAL



Show de Humberto Gessinger no Cine-Theatro Central, em fevereiro de 2025, contou com cobertura fotográfica da bolsista Milena Cruz

Inspirado na missão do Cine-Theatro Central de preservar e dinamizar a vida cultural da cidade, o projeto dedica-se a acompanhar e fortalecer a produção dos eventos realizados no espaço, desde apresentações institucionais e parcerias até espetáculos de produções externas. Os bolsistas atuam em todas as etapas da realização, indo da criação de conteúdo de divulgação à recepção de artistas e ao registro fotográfico e audiovisual das atividades.

Ao longo do período, a equipe colaborou diretamente na produção e na documentação de cerca de 120 eventos, contribuindo para a construção contínua do arquivo histórico do teatro. Esse acervo, organizado e compartilhado com os setores de comunicação da UFJF, tornou-se peça-chave para a memória institucional e para a divulgação das ações culturais promovidas pela Universidade.

O projeto também amplia o alcance do Cine-Theatro junto à comunidade ao desenvolver estratégias de comunicação que divulgam a programação artística, as iniciativas institucionais - muitas delas gratuitas

- e as premiações realizadas no espaço, reforçando o papel do teatro como equipamento público. Além de registrar, os bolsistas valorizam produções locais, regionais e nacionais, colaborando para a visibilidade de artistas fora dos grandes circuitos midiáticos.

A vivência prática em produção cultural, registro audiovisual, gestão de acervo e criação de conteúdo forma estudantes preparados para atuar com sensibilidade e excelência no setor cultural. Assim, o projeto consolida-se como ponte entre universidade, território e memória, fortalecendo a diversidade cultural e preservando a história viva do Cine-Theatro Central.



Registro do Concerto de Natal da Orquestra Sinfônica Pró-Música, pela bolsista Aline Honorato

APOIO À PRODUÇÃO DO CINE-THEATRO CENTRAL

Modalidade Mediação Artística - Procult

Bolsistas Aline Aparecida Rodrigues Honorato e Milena de Oliveira Cruz da Silva *Cinema e Audiovisual*; Cecília Simão Mattos *Rádio, TV e Internet*; Luana Teodoro Pilati *Bacharelado Interdisciplinar em Artes e Design*; Gabriel de Souza Belli *Rádio, TV e Internet*

Orientadores Professor Luiz Cláudio Ribeiro e Pâmela Emanuelle de M. C. Julião

MAEA DE PORTAS ABERTAS: ARQUEOLOGIA, INCLUSÃO E DIVULGAÇÃO



Ação Educativa com o público assistido pela Associação dos Cegos

O projeto *Curadoria, Comunicação e Acessibilidade no MAEA* é uma iniciativa do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF, composta por graduandos de História, Geografia e Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas. O propósito central é democratizar o acesso ao conhecimento artístico, cultural e educativo, pautando-se sempre pelos princípios da inclusão. Como fruto desse esforço multidisciplinar, o projeto desenvolveu materiais didáticos, ações de curadoria, fotografia e catalogação do acervo etnográfico, além de promover oficinas, visitas mediadas e seminários voltados à divulgação científica.

As atividades no MAEA permitiram que os bolsistas tivessem sua primeira experiência prática com a arqueologia através do contato direto com o acervo. Esse impacto estendeu-se para além da Universidade, atingindo diversas instituições de ensino e a comunidade externa. Ao todo, o projeto beneficiou mais de 12 mil estudantes no decorrer do último ano.

Nesse mesmo período, o MAEA promoveu diversas ações, com destaque para a 18ª Primavera dos Museus, sob o tema “Museus, Acessibilidade e Inclusão”. A programação incluiu uma mesa-redonda com representantes da Associação dos Cegos de Juiz de Fora e do Núcleo de Apoio à Inclusão da UFJF. Outra atividade relevante foi a oficina “Abrindo a Arca de Noé: os humanos e os animais”, voltada para escolas públicas de Juiz de Fora, que contou com a colaboração dos bolsistas e do professor Verlan Vale Gaspar Netto, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).



Oficina Arte e Tecnologia Indígena, ministrada aos alunos da Escola Municipal Catarina Barbosa durante a 23ª Semana Nacional de Museus

CURADORIA, COMUNICAÇÃO E ACESSIBILIDADE NO MAEA

Modalidade Mediação Artística - Procult

Bolsistas Luisa Guedes Piton *História (ABI)*; Luiz Felipe Reis Gonçalves Machado *Licenciatura em Geografia*; Maria Luisa Nascimento Afonso *acharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas*

Orientadores Professor Mateus Rezende de Andrade e Érica Costa Gomes da Silva

PRESERVAR PARA DIFUNDIR



Jornal Universitário, órgão oficial do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFJF, em 1977 (Arquivo Central-UFJF)

O projeto *Preservando e Divulgando Memórias* se concentrou nas atividades de preservação, organização e difusão dos acervos documentais sob responsabilidade do Centro de Conservação da Memória (Cecom) da Pró-reitoria de Cultura. As ações envolveram processos de higienização, catalogação, digitalização e conservação de documentos, garantindo sua longevidade e ampliando o acesso de pesquisadores, estudantes e visitantes interessados na história institucional e local.

Além das rotinas de preservação, o projeto também se dedicou à produção e divulgação de conteúdos relacionados aos acervos, fortalecendo a comunicação digital e ampliando a visibilidade do Cecom. Entre os destaques do período estiveram o apoio ao Seminário de dez anos do Cecom, incluindo materiais de divulgação, organização do evento e registros fotográficos; o lançamento da exposição “Vozes em Tempos de Silêncio”, com produção audiovisual e

cobertura de estreia; encampando ainda a websérie “Grito Urbano”.

As atividades desenvolvidas contribuíram para a consolidação de práticas de preservação documental e para a ampliação do diálogo entre o Cecom, a comunidade acadêmica e o público externo. O projeto manteve uma atuação contínua na difusão da memória social da UFJF e da cidade, reforçando seu papel como espaço de referência no campo do patrimônio cultural.



Alunos da UFJF protestam em frente ao antigo prédio da Reitoria, que hoje abriga o Museu de Arte Murilo Mendes. (Foto de 1986)

PRESERVANDO E DIVULGANDO MEMÓRIAS

Modalidade Mediação Artística – Procult

Bolsistas Arthur Nazario Moreira *Bacharelado em História*; Odério Gomes da Silva Filho *Licenciatura em História*

Orientadora Professor Marcos Olender

PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DO ACERVO DO MAMM



O bolsista Diogo Bittencourt atuando no acervo

O projeto *Biblioteca Mamm* tem como objetivo fortalecer o Setor de Biblioteca e Informação do Museu de Arte Murilo Mendes, ampliando tanto a preservação do acervo quanto sua difusão para pesquisadores, estudantes e o público geral. Suas ações envolvem a organização física das coleções bibliográficas e arquivísticas, o atendimento a visitantes e estudiosos, além da produção de conteúdo para as redes sociais do setor. A iniciativa busca evidenciar a relevância histórica e literária do acervo, aproximando a comunidade da obra de Murilo Mendes e promovendo o uso do espaço como local de estudo, pesquisa e memória.

Ao longo da execução, o projeto promoveu um expressivo crescimento no engajamento digital, ampliando o alcance das publicações e estimulando o interesse da comunidade acadêmica e externa pelo acervo, o que se refletiu no aumento da procura por livros e documentos. A experiência também contribuiu diretamente para a formação do bolsista Diogo Bittencourt, estudante de História, que pôde aprofundar seus conhecimentos em pesquisa, catalogação e produção textual, além de enfrentar o desafio de adaptar conteúdos acadêmicos para formatos de comunicação voltados às redes sociais. Assim, o projeto não apenas fortalece a identidade e a visibilidade do Setor de Biblioteca e Informação do Mamm, mas também impulsiona a formação crítica e profissional de seus participantes, reafirmando a importância da memória literária na construção de vínculos culturais.



O projeto visa ampliar a preservação do acervo e sua difusão

BIBLIOTECA MAMM

Modalidade Mediação Artística – Procult

Bolsista Diogo Antonio de Castro Bittencourt
Licenciatura em História

Orientador Aloisio Arnaldo Nunes de Castro



Festa Africana de 2025, em Juiz de Fora

JUIZ DE FORA NEGRA: PESQUISA, REGISTRO E RECONHECIMENTO

Contemplado pelo 20º Prêmio Amigo do Patrimônio, honraria outorgada pela Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage (Funalfa) e pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural (Comppac), o projeto *Patrimônios Negros de Juiz de Fora* desenvolveu ações que foram além da difusão da memória negra, alcançando a valorização do patrimônio cultural da cidade.

Entre as frentes de atuação do projeto, merecem destaque a elaboração de conteúdo para as mídias do Centro de Conservação da Memória (Cecom), a organização de arquivos, a realização de entrevistas com agentes culturais e o acompanhamento de exposições e eventos relacionados aos patrimônios negros de Juiz de Fora.

Também houve um avanço na produção da websérie “Grito Urbano”, voltada ao registro do hip-hop local, com entrevistas de representantes do movimento. Paralelamente, foi ampliado o acervo fotográfico das atividades culturais acompanhadas pela equipe.

A participação da coordenação executiva em palestras e atividades externas contribuiu para ampliar o alcance social e abrir novas possibilidades de interlocução com a comunidade. As ações desenvolvidas no período reforçaram a visibilidade do projeto e seu compromisso com a preservação e a divulgação do patrimônio cultural negro de Juiz de Fora.

PATRIMÔNIOS NEGROS DE JUIZ DE FORA

Modalidade Mediação Artística - Procult

Bolsistas Michaela Cristina Santiago Mario *Bacharelado em História*; Davi José Gama Silva *Licenciatura em História*

Orientador Professor Marcos Olender



Fernando Pereira e Carmem Mattos realizando análise de roteiro para audiodescrição

MUSEU INCLUSIVO FORTALECE ACESSIBILIDADE E MEDIAÇÃO ARTÍSTICA

O projeto *Museu Inclusivo: acesso e participação* teve como objetivo dar continuidade às iniciativas do Museu de Arte Murilo Mendes (Mamm/UFJF) previstas no Plano Museológico 2024-2027, voltadas à acessibilidade e à participação do público.

O bolsista Fernando Pereira Fernandes participou das atividades promovidas pela casa, incluindo a 18ª Primavera dos Museus, a 23ª Semana Nacional de Museus e o 3º Seminário Mamm: pesquisa, preservação e difusão. Ele realizou pesquisas sobre artistas do acervo, colaborou na análise e na adequação de materiais educativos e acompanhou audiodescrições para as exposições “Fayga Ostrower: a conquista da pureza fundamental” e “Ocupação Fayga Ostrower”.

As ações desenvolvidas pelo projeto permitiram criar recursos que ampliam a acessibilidade do acervo e fortalecem a participação da comunidade externa. Segundo Fernandes, a experiência contribuiu significativamente para sua formação acadêmica e pessoal, ampliando a compreensão sobre o funcionamento de museus, a importância da mediação artística e o valor de práticas inclusivas.

Outro destaque do projeto foi a participação do bolsista em eventos e seminários, possibilitando o compartilhamento de conhecimento e consolidando a ação como um instrumento de aprendizagem e de promoção da diversidade cultural.

MUSEU INCLUSIVO: ACESSO E PARTICIPAÇÃO

Modalidade Mediação Artística - Procult

Bolsista Fernando Pereira Fernandes *História (ABI)*

Orientadora Raquel Barbosa da Silva

MEMÓRIA E MEDIAÇÃO CULTURAL NO FORUM DA CULTURA



Os bolsistas do projeto realizaram um intenso trabalho focado nas redes sociais do Forum da Cultura, ampliando o alcance e o engajamento

O projeto *Produção cultural, assessoria de comunicação e visitas mediadas no Forum da Cultura* integra ações dos cursos de Artes Visuais, Cinema e Audiovisual e Comunicação, contribuindo para fortalecer a articulação entre a formação universitária e as práticas culturais desenvolvidas no espaço. Também abrange atividades de assessoria de comunicação, como produção de releases, cobertura fotojornalística, criação de conteúdo audiovisual e gerenciamento de redes sociais, além de visitas mediadas e apoio direto à organização de eventos e exposições.

As ações dos bolsistas abrangem ainda o estudo da trajetória do casarão histórico que abriga o Forum da Cultura, a criação de um cadastro de instituições para divulgação de atividades e a colaboração na montagem de mostras temáticas no Museu de Cultura Popular, fortalecendo a preservação e a difusão do patrimônio cultural da Universidade.



Oficina de colagem realizada durante visita escolar no Forum da Cultura

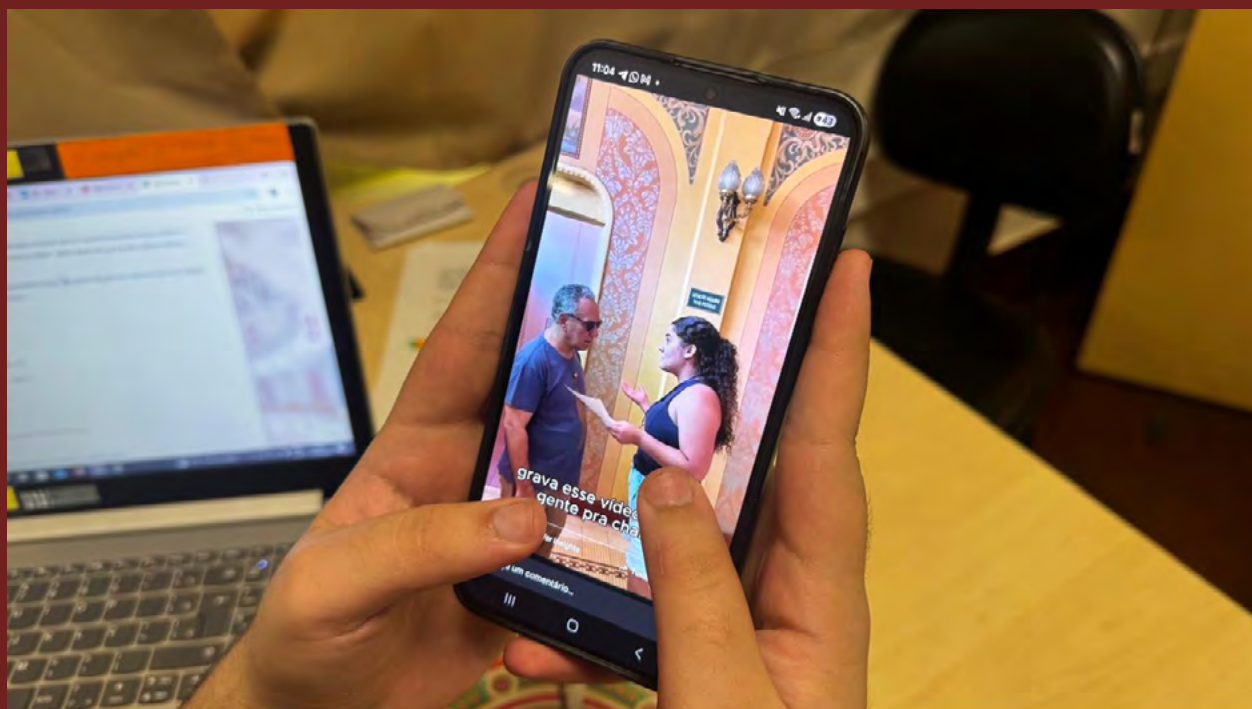
O contato com processos de mediação, planejamento e montagem expositiva, a realização do quadro audiovisual “Minuto Cultura” e a coordenação de oficinas, como a de colagem inspirada no vitral do Forum, proporcionaram vivências que aprofundam a compreensão sobre produção cultural e educação museal. O trabalho desenvolvido reforça a relevância sociocultural do Forum da Cultura como espaço de memória e diálogo contínuo entre arte e sociedade.

PRODUÇÃO CULTURAL, ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E VISITAS MEDIADAS NO FORUM DA CULTURA

Modalidade Mediação Artística - Procult

Bolsistas Ana Maíza Barbosa de Rezende Campos Fernandes *Bacharelado em Artes Visuais*; Carlos Henrique Campos Teixeira *Licenciatura em Artes Visuais*; Mélani Ribeiro Silva Ferreira *Cinema e Audiovisual*

Orientador Otávio Joarez de Abreu Bittencourt



Produção de conteúdo para as redes sociais do Cine-Theatro Central

CENTRAL COMUNICA: ENGAJAMENTO E CULTURA DIGITAL

O **Cine-Theatro Central** é um dos principais pontos culturais de Juiz de Fora, e, a fim de criar conteúdos audiovisuais e jornalísticos para as redes sociais do espaço, foi desenvolvido o projeto *Central Comunica*, que cultiva presença ativa e envolvente nas redes sociais, vislumbrando a construção de uma comunidade vibrante e entusiasta da cultura. Os bolsistas do projeto são responsáveis por produções de textos, releases de eventos, entrevistas e outros materiais que valorizam as ações institucionais que têm o teatro como palco.

Em articulação com bolsistas de outros projetos, o *Central Comunica* colaborou em cerca de 100 publicações para as redes sociais, fortalecendo a presença digital do equipamento cultural e resultando em mais de 22 mil seguidores somente no Instagram.

Academicamente, o projeto se consolidou como um espaço de formação prática, no qual os bolsistas

tiveram a oportunidade de desenvolver habilidades em comunicação institucional, redação jornalística, produção de conteúdo e gestão de mídias sociais, com orientação de profissionais da área de comunicação, vivenciando a rotina de uma assessoria de imprensa com foco na difusão cultural. Alguns bolsistas já estão inseridos no mercado de trabalho, evidenciando a contribuição do projeto na formação e inserção profissional dos alunos envolvidos.

CENTRAL COMUNICA

Modalidade Mediação Artística - Procult

Bolsistas Maria Fernanda Braga de Oliveira; Júlia Hevellem Damasceno da Silveira; Sâmela da Silva Moura; Isadora Cabral Ferreira *Jornalismo*; Letícia Lopes Roberto *Bacharelado em Design*; Larissa Luz do Nascimento *Rádio, TV e Internet*

Orientadores Professor Luiz Cláudio Ribeiro e Pâmela Emanuelle de M. C. Julião

PRODUÇÃO NO MAMM: CONECTANDO PÚBLICO E ACERVO



Além da experiência técnica, a bolsista também teve a oportunidade de participar de oficinas educativas no museu

O projeto *Produção Cultural no MAMM* tem como objetivo colaborar com a execução de projetos do setor de difusão cultural do Museu de Arte Murilo Mendes, além de acompanhar e auxiliar na seleção de atividades de divulgação dos acervos literário e artístico do espaço. Outras atividades desenvolvidas no decorrer do projeto foram a participação na proposta Repositório Murilo Mendes, pré-produção, montagem e pós-produção de eventos, além de pesquisa de público.

A bolsista Letícia Guzzo Ferraz conta que, graças ao projeto, conseguiu dominar melhor as formas de manuseio dos equipamentos do auditório, contribuindo de maneira mais efetiva e direcionada durante os eventos que foram sediados no Mamm – entre eles, o “3º Seminário do Museu de Arte Murilo Mendes”.

Para a estudante, a experiência cultural e acadêmica foi enriquecedora em sua vida pessoal e profissional, pois conseguiu administrar responsabilidade, paciência e uma visão mais direta sobre o ambiente e a rotina de trabalho.

As atividades foram pensadas considerando as demandas de organização e produção de eventos, que envolviam a elaboração e a divulgação de conteúdos relacionados às iniciativas desenvolvidas pelo Mamm. A atuação de Letícia foi fundamental para o aprimoramento e o apoio a estas ações, resultando na propagação e no engajamento cada vez mais intenso do público nas diversas atividades realizadas no museu.



A bolsista Letícia manuseando os equipamentos no auditório do museu

PRODUÇÃO CULTURAL NO MAMM

Modalidade Mediação Artística - Procult

Bolsista Letícia Guzzo Ferraz *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientador Aloisio Arnaldo Nunes de Castro

MEMÓRIA E VISIBILIDADE DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL



Processo de conservação e digitalização de arquivos em fitas

Iniciativa que contribui para a formação acadêmica, resgatando e restaurando registros antigos encontrados na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), o *Centro Integrado de Preservação Audiovisual (CIPAv)* trouxe ao Pibiart a proposta de um mergulho nos registros históricos, com produtos finais encaminhados para o Arquivo Central da Universidade. O CIPAv advém dos cursos de Bacharelado em Cinema e Audiovisual, Jornalismo e Rádio, TV e Internet, estando vinculado ao Centro de Conservação da Memória (Cecom) da Pró-reitoria de Cultura (Procult).

A proposta amplia os conhecimentos práticos dos alunos participantes, sendo que, segundo a bolsista Gabrielle Stehling, “a prática cotidiana no projeto permite conhecer processos como conservação, catalogação,

migração e digitalização, revelando a complexidade do trabalho, bem como o reconhecimento da importância e da urgência da preservação digital diante das novas obras e dos registros audiovisuais produzidos no meio universitário”.



Ao transformar fitas magnéticas em vídeos digitais, a equipe busca garantir maior preservação e facilitar o acesso aos conteúdos

Ao longo do projeto, fitas magnéticas foram transformadas em vídeos digitais, o que garante maior preservação e facilita o acesso a esses conteúdos, retirados de museus e de arquivos pessoais. Os materiais resgatados foram catalogados em forma de documentos e passaram a constituir um acervo. Este material pode ser utilizado como aparato para aulas e como objeto de estudo e análise para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) das faculdades que mantêm vínculo com o CIPAv.

A ideia é contribuir para a preservação cultural e histórica de acervos, impedindo que caiam no esquecimento. A estudante Maria Clara Vieira, voluntária do projeto, entende que ele possibilita a compreensão do resgate e da conservação não apenas como um processo técnico, mas como parte de uma memória coletiva e da construção de uma identidade cultural.

Helena Levate

CENTRO INTEGRADO DE PRESERVAÇÃO AUDIOVISUAL (CIPAv)

Modalidade Mediação Artística - Procult (MAP)

Bolsistas Gabrielle de Amorim Stehling e Maria Clara Barbosa Vieira *Bacharelado em Cinema e Audiovisual*

Orientadora Professora Alessandra Souza Melett Brum

CINE-THEATRO CENTRAL NO ROTEIRO TURÍSTICO DE JUIZ DE FORA



A bolsista Rafaella de Araújo apresenta a história do Central aos visitantes

Além de promover um roteiro cheio de curiosidades sobre um dos maiores espaços culturais de Juiz de Fora, o projeto *Visitas Guiadas no Cine-Theatro Central* desenvolveu conteúdos educativos sobre o teatro, buscando a valorização do patrimônio histórico e cultural e o fortalecimento do vínculo social com a cidade.

Entre agosto de 2024 e julho de 2025, às terças e aos sábados, o projeto promoveu acesso qualificado ao patrimônio histórico e cultural que o teatro representa e recebeu aproximadamente 2.500 visitantes, sendo o público composto por moradores de Juiz de Fora e região, além de turistas de outros estados e países.



Grupo de visitantes tem acesso ao palco do Cine-Theatro Central



Estudantes contemplam a beleza do teatro durante visita guiada

Os atendimentos, com duração média de 40 minutos, foram conduzidos integralmente pelos bolsistas do projeto, provenientes de diferentes cursos da UFJF, como Arquitetura e Urbanismo, Cinema e Audiovisual, Turismo, Artes Visuais e Jornalismo.

A inauguração da Galeria Angelo Bigi, em março de 2024, marcou a inclusão de um espaço expositivo, que está fora do circuito museológico tradicional, no roteiro de visitas do teatro. A mostra permanente já recebeu cerca de 1.000 visitantes. A recepção de grupos escolares também reforçou o papel educativo do Cine-Theatro Central e permitiu que crianças e jovens conhecessem mais sua história e sua importância arquitetônica e artística.

O projeto buscou proporcionar o contato direto com um dos principais patrimônios culturais de Juiz de Fora e despertar nos visitantes, em especial nos moradores da cidade, o sentimento de pertencimento e valorização da memória local.

VISITAS GUIADAS NO CINE-THEATRO CENTRAL

Modalidade Mediação Artística - Procult

Bolsistas Beatriz Loures de Faria e Victor José Bocafoli Machado *Arquitetura e Urbanismo*; Cecília Bigogno Fernandes *Jornalismo*; Cíntia Helena Marques Bergo *Bacharelado em Artes Visuais*; Erica de Cassia Santana *Turismo*; Marcus Paulo Castelli Costa Leonel *Licenciatura em Artes Visuais*; Rafaella de Araújo Walerio *Cinema e audiovisual*

Orientadores: Professor Luiz Cláudio Ribeiro e Pâmela Emanuelle de M. C. Julião

UFJF-GV AMPLIA ACESSO À CULTURA E À LEITURA COM PROJETO COMUNITÁRIO



A bolsista Júlia atuando na Biblioteca Comunitária

O projeto Fomentando arte e cultura na UFJF-GV demonstrou avanços significativos na democratização do acesso à literatura e à música na região de Governador Valadares (MG). A ampliação do atendimento da biblioteca comunitária, com solicitações via formulário e retirada na biblioteca central, trouxe visibilidade inédita para a Universidade e contribuiu para o fortalecimento do Espaço Ler e Saber.

Além disso, a ação realizada junto à Associação de Proteção e Assistência aos Condenados de Governador Valadares (APAC Feminina) possibilitou levar o acervo e rodas de conversa literárias para mulheres em processo de recuperação, promovendo inclusão e reflexão social.



Registro das Oficinas de Inverno de 2025, no campus Governador Valadares da UFJF

No âmbito musical, o Coral Universitário apresentou crescimento expressivo, com 30 membros ativos, e consolidou sua presença em eventos culturais e institucionais na cidade, ampliando o reconhecimento da UFJF-GV como instituição comprometida com a arte e a cultura. Para a bolsista Júlia Izabel Barbosa Silva, a experiência proporcionou aprendizado prático sobre planejamento, execução e acompanhamento de projetos culturais, reforçando a importância da integração entre universidade e comunidade e contribuindo para sua formação cidadã e profissional.

FOMENTANDO ARTE E CULTURA NA UFJF-GV

Modalidade Mediação Artística - Procult

Bolsista Júlia Izabel Barbosa Silva *Ciências Contábeis*

Orientadora Flávia Carvalho dos Santos

MEDIAÇÃO CULTURAL E ARTE-EDUCAÇÃO NO MAMM



O projeto tem a missão de democratizar o acesso à cultura para a população de Juiz de Fora

Unindo arte e educação, o projeto *Ações Educativas Mamm* atua com a missão de expandir o acesso à cultura para um público diverso no Museu de Arte Murilo Mendes (Mamm/UFJF). As ações envolvem visitas mediadas às exposições, desenvolvimento de oficinas e materiais educativos e organização de propostas de acessibilidade voltadas para a inclusão. A atuação da bolsista, que se concentrou em oferecer atendimento direto ao público e desenvolver essas propostas, culminou na condução das Oficinas de Férias, além da participação no 3º Seminário Mamm, em que a equipe debateu temas sobre pesquisa, preservação e difusão museológica.

A experiência demonstrou ser fundamental para a formação da bolsista Ana Luísa Campos Custódio,

aprofundando sua capacidade de pesquisa, comunicação e de integrar a teoria e a prática da arte-educação. A vivência com pessoas idosas, em particular, motivou a escolha do tema de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), “Museu, arte e envelhecimento: uma experiência de aprendizagem com pessoas idosas no Mamm/UFJF”. No âmbito sociocultural, a iniciativa contribuiu para o fortalecimento do papel social do museu, transformando-o em um espaço de encontro e diálogo entre a comunidade acadêmica e a sociedade.



A bolsista Ana Luísa Custódio ministrou oficinas de cerâmica durante as férias escolares no Mamm

AÇÕES EDUCATIVAS MAMM

Modalidade Mediação Artística - Procult

Bolsista Ana Luísa Campos Custódio *Bacharelado em Artes Visuais*

Orientador Aloisio Arnaldo Nunes de Castro

CONECTANDO
SABERES: A
COMUNICAÇÃO A
SERVIÇO DA CULTURA

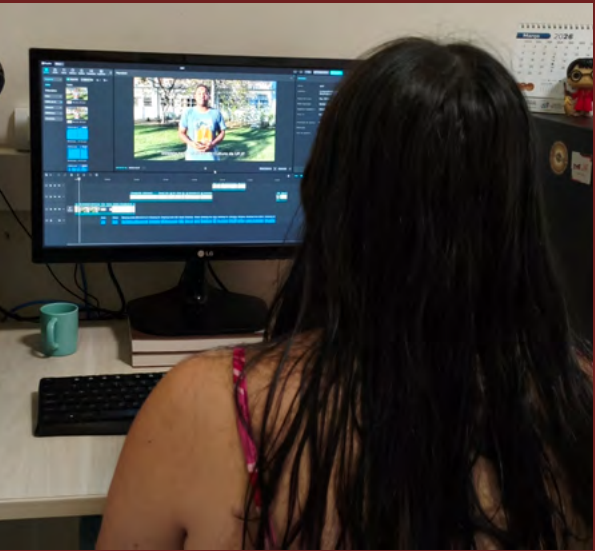


Equipe de bolsistas e terceirizados após reunião de alinhamento

Com a missão de contribuir para a democratização do acesso à cultura, ampliando a visibilidade das iniciativas da Pró-reitoria de Cultura (Procult) junto às comunidades interna e externa, o projeto *Apoio à Procult* atua auxiliando na divulgação e na comunicação de projetos e eventos culturais da organização, que gerencia alguns dos principais espaços culturais de Juiz de Fora.

As atividades desenvolvidas pelos bolsistas, alunos da Faculdade de Comunicação, são focadas na produção de conteúdo multimídia. Além disso, o apoio garante a cobertura fotográfica de diversos eventos. Essa atuação foi fundamental, por exemplo, para a cobertura do 36º Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga — um dos mais importantes e tradicionais eventos do gênero no Brasil — assim como

para a divulgação das oficinas e demais atividades do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Artística (Pibiart).



No projeto, os alunos desenvolvem habilidades de comunicação, como redação, captação e edição audiovisual, entre outras

A iniciativa valoriza os polos culturais da cidade, atraindo a sociedade para dentro dos espaços da UFJF, celebrando, conjuntamente, os fazeres artísticos que ali se manifestam. Ao mesmo tempo, essa atuação é um campo de prática para a formação dos bolsistas, que entram em contato com diversas linguagens artísticas e culturais.

APOIO À PROCULT

Modalidade Mediação Artística - Procult

Bolsistas Alison da Silva Horta, Júlia Maria da Cruz Azevedo Gaspar Souza, Rafaela de Castro Tempésta e Yasmin Christine Batista Ponté *Jornalismo*; Fellipe Enzo de Oliveira Silva *Rádio, TV e Internet*

Orientadores Bruno Defilippo Horta e Darlan de Oliveira Lula

Siga as nossas redes sociais
e fique por dentro de tudo
o que é realizado pela Procult:



@procultufjf



@cecom.ufjf



@ccpm.ufjf



@cinetheatrocentral



@coraldaufjf



@escoladeartespm.ufjf



@festivaldemusicajf



@forumdaculturaufjf



@memorialitammarfranco



@mmos.ufjf



@maea_ufjf



@mamm.ufjf



@ospromusica

